



A Problemática da Autoimagem Étnica da Segunda Geração de Chineses em Portugal

Yan Zheng

Março de 2019

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação de mestrado foi realizada graças ao apoio e ajuda incessantes por parte de vários intervenientes que, direta ou indiretamente, foram a chave para a elaboração do presente trabalho

À minha orientadora, Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva, que me guiou durante todo este processo, incentivando-me de forma compreensiva e paciente.

Aos meus professores das disciplinas de mestrado, que sem eles não poderia cimentar uma base sólida para poder proceder à elaboração da presente dissertação.

À minha amiga Mariana, obrigada pela ajuda e sugestões que levaram este meu projeto pelo melhor dos caminhos.

Às minhas colegas de mestrado e aos meus amigos, especialmente à Lúcia e Elsa, pelo seu companheirismo e incentivo.

Por fim, aos meus pais e familiares, cujo amor e apoio transmitidos me deram toda a força exigida para ultrapassar todos os obstáculos.

Yan Zheng

A Problemática da Autoimagem Étnica da Segunda Geração de Chineses em Portugal

Yan Zheng

RESUMO

A imigração internacional é uma das manifestações mais importantes do desenvolvimento social global. Na onda da imigração internacional, o número de imigrantes chineses é enorme. Como atividade económica e política especial, a imigração afeta, também, a transformação da família e o crescimento infantil. A identidade da segunda geração de imigrantes sempre foi um tema amplamente estudado no campo da sociologia; contudo, existe relativamente pouca pesquisa e análise sobre a situação específica da segunda geração de imigrantes chineses em Portugal. Através desta pesquisa, utilizando questionários e análise a entrevistas, o presente estudo tem como objetivo compreender a situação geral e os fatores de influência da identidade pessoal e da ideia de nação da segunda geração de imigrantes chineses em Portugal. Por fim, apresentam-se conclusões através da discussão dos resultados obtidos e propostas de sugestões que nos parecem eficazes. Os participantes da pesquisa são, principalmente, a segunda geração de imigrantes chineses em Portugal, incluindo jovens nascidos e criados em Portugal e aqueles que crescem em Portugal depois de terem nascido na China. Foi realizada uma investigação abrangente sobre a situação pessoal básica e identidade subjetiva dos participantes. No contexto da globalização económica, a diversidade cultural é uma tendência em desenvolvimento, e diferentes níveis de identidade são, efetivamente, uma manifestação multicultural. O mundo

exterior não pode forçá-los a reconhecerem-se com certas identidades, devendo a sociedade respeitar e compreender as suas diferenças e a sua personalidade social, quer como indivíduo, quer como parte de uma comunidade, seja ela portuguesa, ou chinesa.

A identidade da segunda geração de imigrantes é um fenómeno que é afetado por muitos fatores relacionados entre si. Com efeito, compreender a situação e os fatores de influência da identidade da segunda geração dos imigrantes chineses em Portugal, ao mesmo tempo que se propõem soluções correspondentes, é de grande importância e pode guiar toda esta geração para uma melhor integração na sociedade local e encontrar um ponto de contacto entre as culturas oriental e ocidental. Da mesma forma, quando os imigrantes chineses entendem a sua identidade cultural e a ideia de nação, os mesmos podem conscientemente escolher o estilo de vida que lhes convém, desfrutando das suas vantagens, superando as desvantagens e melhorando a qualidade da sua vida pessoal e profissional.

Palavras-chave: autoidentidade, identidade cultural, identidade social, identidade pessoal, segunda geração de imigrantes chineses em Portugal.

ABSTRACT

International immigration is one of the most important manifestations of social development on a global scale. When it comes to international immigration, the number of Chinese immigrants is enormous. As a specific economic and political activity, immigration also affects how a family transforms itself and how a child develops throughout his early year. The identity of the second generation of immigrants has always been a widely studied topic in the field of sociology; however, the research and analysis on the specific situation of the second generation of Chinese immigrants in Portugal is clearly not substantial. Through the research, using questionnaires and interview analysis, the present study aims to understand the general situation, the influence factors of the personal identity and the idea of nation of the second generation of Chinese immigrants in Portugal. Finally conclusions are presented through the discussion of the results obtained and proposals for suggestions that seem to us to be effective. The research participants are mainly from the second generation of Chinese immigrants in Portugal, including young people who were born and raised in Portugal and those who grew up in Portugal after being born in China. A comprehensive investigation was carried out on the basic personal situation and subjective identity of participants. In the context of economic globalization, cultural diversity is a developing trend, and different levels of identity are effectively a multicultural manifestation. The outside world cannot force them to recognize themselves with certain identities, and society must respect and understand their differences as well as their social personality, whether as a part of a community, whether Portuguese or Chinese.

The identity of the second generation of immigrants is a phenomenon that is affected by many interrelated factors. In fact, understanding the situation and the factors influencing the identity of the second generation of Chinese immigrants living in Portugal, while proposing corresponding solutions, it's of great importance and can guide all this generation to better integrate into the local society and find a point of contact between eastern and western cultures. Likewise, when Chinese immigrants

understand their cultural identity and the idea of a nation, they can consciously choose the lifestyle that suits them, enjoying their advantages, overcoming their disadvantages, and improving the quality of their personal and professional lives.

Keywords: self-identity, cultural identity, social identity, personal identity, second generation of Chinese immigrants in Portugal.

Índice

AGRADECIMENTOS.....	II
RESUMO.....	III
ABSTRACT	V
Introdução.....	1
I. Motivações e justificações.....	1
II. Fundamentação teórica	4
III. Abordagem metodológica	5
IV. Estrutura do trabalho.....	5
Capítulo 1 - Fundamentação teórica.....	7
1.1. Conceito de Identidade.....	7
1.2. Conceito de Identidade cultural	9
1.3. Identidade Cultural Imigrante	11
Capítulo 2- Imigração Chinesa em Portugal	14
Introdução	14
2.1. Os primeiros imigrantes chineses em Portugal: dos anos 20 aos anos 50 do século XX.....	14
2.2. Quatro grupos de imigração chinesa em Portugal	16
2.2.1. Os chineses imigrados de Moçambique para Portugal.....	16
2.2.2. Os Chineses de Macau	19
2.2.3. Estudantes chineses em Portugal.....	20
2.2.4. Os cidadãos chineses detentores de visto	23
2.3. Distribuição de residência de imigrantes chineses em Portugal.....	25
2.4 . As características dos imigrantes chineses	26
2.4.1. Relação próxima entre Portugal e China.....	26
2.4.2. Aumento do número de imigrantes de segunda geração.....	26
2.4.3. Modelo básico de mobilidade de imigrantes.....	27
Capítulo 3 - ESTUDO EMPÍRICO.....	30
3.1. Problemas.....	30

3.2. Objetivos e significados da pesquisa	30
3.2.1. Objetivos	30
3.2.2. Significados	32
3.2.2.1. Significados teóricos	32
3.2.2.2. Significados práticos	32
3.3. Método de pesquisa.....	32
3.3.1. Participantes na pesquisa	33
3.3.2. Instrumentos da pesquisa.....	33

Capítulo 4 – Análise e discussão dos resultados 35

4.1. Problemática da identidade da segunda geração de chineses em Portugal: da teoria à prática	35
4.1.1. As principais características dos imigrantes chineses de segunda geração em Portugal.....	36
4.2. A identidade do imigrante chinês de segunda geração em geral	40
4.3. As atitudes e as características da identidade do imigrante chinês de segunda geração em geral.....	41
4.3.1. Análise das causas.....	43
4.4 . As diferenças de identidade de grupos diferentes de chineses da segunda geração em Portugal.....	47
4.4.1. As atitudes de identidade de grupo diferente dos chineses de segunda geração em Portugal.....	47
4.4.1.1. A preferência da identidade portuguesa.....	48
4.4.1.2. A preferência da identidade chinesa	48
4.4.1.3. A preferência da identidade portuguesa asiática	49
4.5. As diferenças de identidade de diferentes grupos.....	50
4.5.1. Diferenças na identidade entre os chineses de segunda geração de idades diferentes.....	50
4.5.2. Diferenças da identificação entre os chineses da segunda geração em diferentes classes sociais.....	50
4.6. Os motivos das diferenças entre as identidades de grupos diferentes.....	51
4.6.1. Fatores relativos ao ambiente familiar	51
4.6.2. Fatores relativos à educação escolar	55
4.6.3. Fatores relativos ao ambiente residencial	56
4.7. Identidade cultural da segunda geração de imigrantes em Portugal.....	57
4.7.1. O modelo de identidade cultural da segunda geração de imigrantes tendencialmente dissociativa	57
4.7.2. A identidade "marginal" sob o conflito de culturas duais.....	60

4.7.3. Modelos de identidade cultural de <i>depuração</i> e de <i>assimilação</i>	62
4.8. Sugestões para resolver o problema	63
Conclusões e Recomendações	65
Limitações da pesquisa	67
Bibliografia	68

Introdução

I. Motivações e justificações

Hoje em dia, a globalização apresenta-se como um fenómeno cada vez mais evidente, contando também com a participação de cada vez mais países. Esta tendência tem acelerado a interação internacional em termos demográficos, financeiros, culturais, religiosos, etc. O objetivo de uma pesquisa sobre vantagens, desvantagens e influência da globalização não só foca o desenvolvimento social, económico, como também a integração e conflito entre culturas locais e culturas estrangeiras neste contexto multicultural trazido pela globalização. A diversidade cultural tornou-se numa “trivialidade” da sociedade atual. O sociólogo americano Taylor (1994) alega que o multiculturalismo se refere à existência de várias culturas num meio inclusivo, numa mesma sociedade. O multiculturalismo leva, efetivamente, à diversidade de identidade social e cultural.

A imigração é uma das manifestações importantes do desenvolvimento social, iniciando-se como um movimento com o intuito de procurar melhorias substanciais na qualidade de vida, nomeadamente no trabalho e ambiente social, entre outras. Nessa onda de imigração, o número de chineses é enorme. Por motivos diferentes, cada vez mais chineses se mudam para outros países. A imigração é não só uma atividade económica e política, como também para as famílias funciona como uma influência na transformação das mesmas e no crescimento das suas crianças. Assim que os primeiros imigrantes se estabilizam, estes começam a ajudar os outros membros da família a sair do país de origem com o intuito de se lhes juntarem. No período inicial de uma comunidade nova na sociedade, a imigração é mais comum, sendo que a motivação é sempre a procura de uma vida melhor.

A China é hoje o país com a maior população do mundo. É também o quarto maior exportador mundial de emigrantes, com mais de 520 milhões de chineses espalhados por todo o mundo. Os Estados Unidos da América, o Canadá e a Austrália são as primeiras três escolhas dos imigrantes chineses. Ainda que Portugal não seja a sua primeira escolha, no que diz respeito à emigração, desde que este país faz parte da União Europeia, tem sido cada vez mais uma opção de migração para a comunidade chinesa.

A reunião da família, o trabalho transfronteiriço e o abrigo dos refugiados constituem a imigração europeia na atualidade. A razão principal para a entrada de imigrantes não-europeus na Europa é a reunião com a família. No entanto, esta é uma ação que se desenrola a longo prazo. Geralmente, somente depois da primeira geração de imigrantes se desenvolver de forma estável na sociedade e obter uma situação legalizada e com um rendimento fixo é que se considera a ideia de emigração da restante família. Esta reunião familiar depende do sucesso dos pais que imigraram, isto é, se o sucesso no país para onde imigraram for grande, mais depressa a família se reúne, e se, pelo contrário, a estabilização dos pais não for tão rápida assim, demorará mais tempo até que aconteça a dita reunião. Sob esta circunstância, muitos descendentes destes imigrantes ficaram no país de origem, separados de um ou ambos os progenitores por um longo período. É também importante destacar o facto de que esta reunião familiar num país que não é o seu comporta algumas consequências negativas. Por exemplo, os filhos terão de romper com as suas raízes, o que se pode refletir no seu percurso escolar e na adaptação a uma nova socialização. Todavia também os descendentes de imigrantes que nasceram em Portugal (segunda geração) se deparam com conflitos pessoais a nível étnico, de estatuto social, entre outros.

A segunda geração de imigrantes enfrenta a interrupção da educação no processo de desenvolvimento pessoal. Os riscos de conflitos culturais são, por um lado, a culturalização da sociedade imigrante local e, por outro, os valores das crianças imigrantes influenciados pela cultura familiar. A segunda geração de imigrantes foi

educada para ser fiel à família, e esse tipo de valores entra em conflito com a cultura ocidental, que enfatiza o sentido de independência e de autonomia no desenvolvimento da personalidade. As contradições e os conflitos multiculturais representam grandes desafios para a integração social da segunda geração de imigrantes.

Acadêmicos nacionais e estrangeiros realizaram pesquisas, do ponto de vista demográfico e sociológico, sobre os imigrantes de segunda geração (descendentes) de cada etnia, desenvolvendo também trabalhos sobre grupos específicos como, por exemplo, o demonstra o livro *Identity and the Second Generation: How Children of Immigrants find their Space* (2016). Esta obra retrata um pouco a situação aqui exposta. Todavia, não existem muitos estudos sobre os imigrantes chineses de segunda geração em Portugal (descendentes de chineses) e, muito menos, estudos sobre o posicionamento da sua identidade e quais as causas que influenciam as suas ideias sobre a sua identidade. Um estudo sobre os imigrantes chineses de segunda geração em Portugal e os diferentes tipos de posição, relativamente à sua identidade, não só aprofunda o conhecimento sobre o povo chinês, como também se torna vantajoso para os que vivem fora do seu país, ao mesmo tempo podendo orientar as carreiras profissionais dos descendentes de chineses.

Já a segunda e terceira gerações de chineses imigrantes em Portugal estão bem mais adaptadas aos costumes e ao modo de vida dos portugueses, nomeadamente na educação, na aquisição e desenvolvimento da língua portuguesa e até no próprio âmbito recreativo e cultural. Ainda que a harmonia com a vida portuguesa cada vez mais se faça sentir, continuam a existir adversidades a colmatar, destacando-se o fator cultural. Como consequência da integração *versus* adversidade, surge a problemática da autoimagem chinesa. É neste âmbito que se insere o presente estudo. Através dele procurou-se conhecer a problemática da identidade chinesa, para perceber com que cultura os chineses de segunda geração mais se identificam. Em síntese, o objetivo geral deste Estudo é analisar os fatores que influenciam direta ou indiretamente a autoimagem da segunda

geração de imigrantes chineses em Portugal.

II. Fundamentação teórica

O psicólogo dos Estados Unidos da América (EUA) Josselson (Jansen, 1998, citado em Moha, 2005, p.22) refere que “o sentido de identidade é a capacidade mental de explicar o seu próprio comportamento e experiência. A etnia, a linguagem e a identidade cultural são mutuamente influentes. A diversidade cultural e identitária pode levar a conflitos na identidade dos indivíduos”. O outro lado do impacto da globalização no multiculturalismo é o crescente desvanecer da identidade cultural local. Sociólogos ocidentais têm conduzido pesquisas aprofundadas sobre conflitos de identidade; mais especificamente, académicos dos EUA dedicaram-se à análise do conceito de cidadão norte-americano pertencente a uma minoria étnica, por exemplo, os afro-americanos, os latinos, os asiáticos; enquanto que os sociólogos da Europa dedicam-se à pesquisa sobre o conflito de identidades do falante de uma variedade de línguas ou dialetos indo-europeus (sueco-austriaco, franco-alemão).

Desde a década de 1970, e de forma a fortalecer a identidade coletiva, a Arábia Saudita e outros países abastados do Golfo, lançaram uma grande ação de anti-ocidentalização, cultivando um Movimento de Identidade Cultural Islâmica (Comias, 2006). A identidade cultural está, pois, inegavelmente ligada às tradições, crenças, linguagem e valores.

Os principais pontos de referência deste estudo são: a pesquisa identitária que se originou a partir da “interação simbólica estrutural” (SSI) proposta pelo sociólogo americano Stryker (2002), a Teoria do Conflito Cultural proposta por Sellin (1938) (Culture Conflict Theory) e, finalmente, a teoria de Berry, Trimble, & Olmedo (1986), que propuseram três diferentes modelos de identidade cultural a partir da perspetiva da Teoria da Aculturação. Foi também feita referência a uma grande variedade de teses

públicas e relatórios no âmbito da imigração chinesa.

O estudo visa, ainda, e como objetivos específicos:

- i) Apresentar a problemática da autoimagem étnica da segunda geração de descendentes de imigrantes chineses em Portugal;
- ii) Analisar os contextos atuais e do passado da comunidade imigrante chinesa em Portugal;
- iii) Discutir a situação geral e específica da autoimagem dos descendentes chineses em Portugal;
- iv) Ponderar os fatores que influenciam a autoimagem dos descendentes de chineses em Portugal;
- v) Explorar os modelos de identidade cultural da segunda geração de imigrantes chineses em Portugal;
- vi) Sugerir propostas razoáveis para orientar a autoimagem dos descendentes chineses em Portugal.

III. Abordagem metodológica

A identidade é um fator emocional importante na vida da segunda geração de imigrantes chineses em Portugal e, por isso, utilizámos a aplicação de questionários e a análise de entrevistas com o objetivo geral de compreender a situação e os fatores de influência da identidade pessoal. Por fim, apresentam-se conclusões através da discussão dos resultados obtidos assim como propostas e sugestões que nos parecem adequadas, pertinentes e eficazes.

IV. Estrutura do trabalho

O presente trabalho organiza-se em cinco partes, nomeadamente a introdução, o

desenvolvimento, a conclusão e as recomendações, a bibliografia, os anexos.

A parte de desenvolvimento é composta por quatro capítulos que abordam, respetivamente, o conceito e as teorias da identidade, os objetivos da pesquisa, a metodologia da pesquisa e, por fim, a análise e a discussão dos resultados da pesquisa. Nos anexos, encontram-se o questionário e a transcrição de três entrevistas.

Capítulo 1 - Fundamentação teórica

1.1. Conceito de Identidade

O significado básico de identidade refere-se ao reconhecimento dos indivíduos e das culturas sociais específicas. Esta palavra faz-nos questionar acerca de nós mesmos: Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou?

A ideia de identidade revela-se como uma especificidade do sujeito social, sendo que, simultaneamente, a convivência social desempenha um papel crucial na construção da identidade.

A identidade assume-se como a ideia que uma pessoa tem sobre si mesma e sobre tudo aquilo que lhe diz respeito. Existem diversos significados sociais, como o género, a nacionalidade, entre outros, que são construções sociais, sendo que estes mesmos significados servem de modelo para a construção da identidade de qualquer indivíduo.

No âmbito da identidade, e levando em consideração as correntes ideológicas no meio sociológico, existem dois conceitos que merecem destaque pela importância da sua distinção: a identidade social e a autoidentidade, também denominada identidade pessoal. A principal diferença entre estes dois conceitos é que enquanto que a autoidentidade foca o indivíduo e identifica-o como diferente dos outros na sociedade, a identidade social identifica-o como membro da sociedade.

Por um lado, a identidade social diz respeito às características individuais atribuídas por outrem, ou seja, como os outros categorizam determinado indivíduo. Na identidade social é estabelecida uma abordagem coletiva do indivíduo. Por outro lado, a autoidentidade concentra-se nas diferenças do indivíduo em relação aos outros.

Numa única sociedade podem existir pessoas que pertencem a diferentes religiões, grupos étnicos, classes, castas, géneros, entre outros. Através da criação de identidade social, o indivíduo aprende as diferenças que ele vê nos outros e também as semelhanças que com eles partilha. Esta aprendizagem acontece graças à interação no meio social.

Os papéis e responsabilidades que um indivíduo possui na sociedade são também importantes aquando do estudo da identidade social. Grupos diferentes de pessoas desempenham papéis sociais diferentes.

A autoidentidade resume-se à ideia que o indivíduo tem de si próprio e à relação que este desenvolve com o resto da sociedade. A ideia de autoidentidade pode ser facilmente explicada como a forma como nos assumimos individualmente à medida que envelhecemos, sendo que este conceito não é, de todo, algo estático, uma vez que este olhar sobre nós próprios assume diferentes perspetivas à medida que se experiencia a vida. Contudo, e quando se aborda a identidade pessoal básica, o indivíduo tenta entender quem ele é, onde é que ele pertence, o que é importante para ele, entre outros aspetos.

O conceito de identidade coletiva define-se pelo sentido de pertença a um grupo por parte de um indivíduo. A identidade do grupo, isto é, do “coletivo” passa a ser parte da identidade pessoal de um indivíduo. A participação em atividades sociais leva a que uma pessoa desenvolva esse sentimento de pertença e, consequentemente, influencia também a identidade da mesma.

A identidade pessoal põe em evidência a experiência física e psíquica do eu, tendo o eu como núcleo. A identidade social realça os seus atributos sociais.

Existem diferentes grupos culturais, o que conduz a uma grande diversidade identitária devido a essa influência cultural e diversificada que incide entre esses grupos. A identidade relaciona-se, sobretudo, com a problemática cultural, composta

principalmente pelos seus atributos individuais, pela sua história cultural e pela sua perspectiva de desenvolvimento.

Da identidade individual à identidade coletiva, de uma cultura a outra, tanto a formação como o desenvolvimento da identidade podem descrever-se como processos de transformação.

Com efeito, a identidade está intimamente ligada à estrutura social e à cultura, e as diferentes identidades dos indivíduos em diferentes ocasiões dependem das escolhas de papéis individuais. A sociedade molda os indivíduos enquanto os indivíduos moldam o seu comportamento social. A pesquisa identitária originou-se a partir da “interação simbólica estrutural” (SSI) proposta pelo sociólogo americano Stryker (2002), alegando que os indivíduos são influenciados e restritos pela sua estrutura social e pelas relações sociais desde o seu nascimento. O comportamento social também pode ser entendido como comportamento de seleção de papéis pessoais. A relação entre o indivíduo e a estrutura social aqui referida tem dois significados: o primeiro é que o indivíduo se reconhece e se sobrepõe à sua identidade familiar, escolar, laboral, entre outras. O segundo é, num sentido sociológico mais amplo, o indivíduo e a sua estrutura social específica. O estabelecimento, consolidação, internalização ou mudança de identidade pessoal é um processo muito complicado de evolução social, que inclui a cultura, a educação, a língua e a etnia.

1.2. Conceito de Identidade cultural

A identidade cultural é a identificação ou sentimento de pertença a um grupo. Faz parte da conceção e perceção que uma pessoa tem de si mesma, estando relacionada com a nacionalidade, a etnia, a religião, a classe social, a geração, a localidade ou qualquer outro grupo social que tenha a sua própria e distintiva cultura. Deste modo, a identidade

cultural tanto caracteriza o indivíduo como também o grupo de membros culturalmente similar que partilha a mesma identidade ou educação cultural.

A razão pela qual a identidade cultural é um tipo de "autoidentidade" prende-se com os seguintes aspetos¹: i) a conotação espiritual da cultura corresponde à construção do significado da existência humana, servindo a sua conotação ética como um argumento valioso para a existência dos seres humanos, dimensões essas que não são encontradas na identidade social. As mesmas correspondem à “superfície” da existência humana e não podem assegurar o indivíduo sobre a existência e o valor da sua existência; ii) a cultura é uma espécie de "raiz": através da herança de características nacionais, sob a forma de "inconsciência coletiva", um certo "modelo" é construído para a estrutura espiritual do indivíduo. Após a socialização, o indivíduo vive no contexto cultural correspondente e, naturalmente, mostra uma continuidade cultural. Mesmo que essa continuidade se rompa, pode-se concordar que, através do "inconsciente coletivo", os símbolos se tornaram parte do seu comportamento; iii) identidade cultural, étnica e de sangue sobrepõem-se. Uma comunidade com continuidade cultural e histórica é, ao mesmo tempo, uma comunidade geográfica e de sangue, integrando as várias identidades das pessoas e evitando contradições e até conflitos entre as diferentes identidades devido a características diferentes. Essa característica da "cultura" incorpora-se realmente no âmago da existência humana: a negação dessa cultura é psicologicamente equivalente à negação do valor de existência dos indivíduos e da comunidade.

Além disso, a cultura é o conteúdo da vida. No processo de socialização humana, a implantação cultural na autoestrutura humana é também o procedimento em que um indivíduo se constrói de forma contínua, confirmando a sua conexão com o mundo e criando o seu próprio sentido de vida, na aquisição de língua, de costumes sociais ou

¹ Traduzido do website Baike (s.d.). 文化认同. Disponível em <https://baike.baidu.com/item/文化认同/6062258?fr=aladdin>.

de normas e valores que foram interiorizados em e por si mesmo.

O "Choque de Civilizações", da autoria de Huntington (1996), propõe que, na nova situação mundial, as causas profundas dos conflitos deixarão de ser ideológicas ou económicas, passando a ser culturais. Perante este desafio de diferentes culturas, Sellin (1938) propôs a Teoria do Conflito Cultural (Culture Conflict Theory). Esta teoria defende que um indivíduo ou um grupo, quando é influenciado por duas culturas ou encontra juízos de valor e problemas com a cultura de origem, sente-se em conflito. Os emigrantes, por estarem profundamente ligados e guiados pela cultura e normas sociais do seu país de origem, deparam-se com alguns conflitos, em grande parte devido às suas normas culturais, o que acaba por afetar também a adaptação social dos seus filhos. Igualmente Harker (2001) considera que os problemas de ajustamento psicológico, causados pelos próprios imigrantes, serão transmitidos para a geração seguinte, fazendo com que esta enfrente contradições psicológicas e incompatibilidades quando confrontada com conflitos culturais.

1.3. Identidade Cultural Imigrante

Berry, Trimble, & Olmedo (1986) propuseram três diferentes modelos de identidade cultural a partir da perspectiva da Teoria da Aculturação, de forma a ilustrar as mudanças dos imigrantes em termos de atitudes, valores e comportamentos quando duas culturas diferentes entram em contato.

- 1- *Modelo linear de polarização*, significa que o conceito de identidade cultural se apresenta numa linha contínua. Numa ponta assume-se um grande apego à cultura de origem e na outra um grande afeto pela cultura imigrante. Se o indivíduo tende a concordar com a cultura imigrante, então é impossível ter um forte reconhecimento da cultura de origem.

- 2- *Modelo bidirecional*, afirma que a relação entre as duas culturas não são as duas extremidades da mesma linha, podendo ser independentes uma da outra. Por outras palavras, os imigrantes podem ter uma forte cultura de origem ao mesmo tempo que possuem uma identidade cultural imigrante.
- 3- *Modelo multivariado* que desenvolve a ideia de que se os indivíduos aceitam a cultura de imigrantes ou mantêm características culturais de origem são influenciados por diversas variáveis básicas, como sexo, idade e nacionalidade.

Hunik (1991) e Berry (1997) dividem a identidade cultural em quatro formas diferentes:

- 1) *Aculturativa* - concorda plenamente com a cultura de origem e totalmente com a cultura imigrante;
- 2) *Assimilativa* - concorda menos com a cultura de origem e plenamente com a cultura imigrante;
- 3) *Dissociativa* - concorda totalmente com a cultura de origem e concorda menos com a forma de cultura imigrante;
- 4) *Marginal* - não concorda nem com a cultura de origem, nem com a forma de cultura imigrante.

Além destes autores, Cummins (1986) e outros académicos sugeriram que a identidade cultural desempenha um papel proeminente no processo de integração social das crianças imigrantes. Cummins (1986) salientou que o sucesso da educação dos estudantes imigrantes está positivamente relacionado com a integração cultural do grupo étnico, ou seja, se a etnia imigrante se consegue integrar com sucesso na cultura local, esta integração determina o grau de sucesso educativo das crianças imigrantes. Aqueles que têm um reconhecimento mais débil da cultura de origem e ao mesmo tempo não concordam com a cultura de imigrantes assumem uma maior tendência para o fracasso na aprendizagem. De facto, muitos estudos (tomando como exemplo o estudo publicado pela OCDE em 2015 intitulado *Helping immigrant students to succeed at school – and beyond*) têm apontado que tanto o nível de desempenho académico das crianças imigrantes, como a sua adaptação à vida estão relacionados com o reconhecimento da cultura de origem e da cultura de imigração quando enfrentam duas realidades culturais diferentes (Ghuman, 1997). As crianças emigrantes acabam, pois, por ser desafiadas pelo choque de civilizações, devido às diferenças quer na cultura

familiar, quer na cultura social.

A segunda geração de imigrantes pode acabar marginalizada enquanto novo grupo étnico que se tenta esconder ou até recusar-se a escolher entre as duas culturas. Alguns estudos demonstram que, por um lado, aceitam a cultura do país natal e, por outro, vivem noutra cultura. As famílias com diferentes culturas podem proporcionar situações diversas e interessantes para os seus filhos, bem como estimular a sua capacidade de socialização. Assim, origens culturais diversas podem funcionar como uma vantagem em vez de uma resistência ao desenvolvimento das crianças, e os seus resultados de socialização apresentam uma maior probabilidade de ajudar as crianças a alcançar valores, normas, ética e comportamentos mais positivos comparativamente com famílias de realidade cultural única (Ghuman, 1997).

Em síntese, os posicionamentos de Ghuman (1997), relativos aos conflitos culturais, bem como a iniciativa das crianças imigrantes em integrar o multiculturalismo, levam o autor a defender que a identidade cultural é um pré-requisito no estudo das questões de imigração: os imigrantes formam a autoidentidade sob o multiculturalismo, aceitam o processo de socialização dos imigrantes e alcançam a integração social. A identidade cultural neste estudo refere-se aos conceitos e atitudes da segunda geração de imigrantes com base na integração na cultura de origem e na cultura de imigração face aos conflitos culturais. Esse valor afeta diretamente a vontade dos indivíduos pertencentes à segunda geração de se conhecerem a si mesmos, afetando também a sua integração social: estes são afetados pelo choque de civilizações.

Capítulo 2- Imigração Chinesa em Portugal

Introdução

A emigração dos chineses para outros países não é um fenómeno recente, havendo registos de há mais de mil anos que o comprovam. Com o percorrer da Rota da Seda² ocorreu também o conhecimento de novos territórios e a lucrativa atividade comercial ia despertando a curiosidade de alguns. Foi com a dinastia³ Tang (618-907) que a atividade comercial se começou a desenvolver. Esta foi a época em que a China era o Estado mais rico e avançado do mundo, uma vez que já exportava madeira e produtos manufaturados, tais como esmalte, porcelana, têxteis e produtos em madeira lacada, produtos esses que já chegavam a Portugal, nessa altura, por via terrestre.

2.1. Os primeiros imigrantes chineses em Portugal: dos anos 20 aos anos 50 do século XX

Os registos do primeiro cidadão chinês em Portugal remontam ao século XVI. Era descrito como alguém que falava tanto chinês como português, tendo vindo para Portugal com o intuito de realizar trabalhos na área da tradução com João de Barros. Por volta da segunda metade do século XX, foi identificada na cidade do Porto a primeira comunidade chinesa (Oliveira, 2003). Esta investigação decorreu com o objetivo de descobrir quais eram as atividades que aquela comunidade desenvolvia em Portugal, uma vez que o Governo português da época temia que houvesse alguma

²Rota da Seda: refere-se a uma variada rede de caminhos cujo intuito era estabelecer uma ligação entre o Oriente e a Europa de forma a facilitar a exportação e a importação da seda.

³Dinastia: período(s) da história chinesa. A cada dinastia é dado o nome da família do imperador ou até mesmo da etnia dominante do período em questão. A história da China conta com 5 dinastias de maior destaque.

relação do povo chinês em Portugal com iniciativas sindicalistas, comunistas ou até mesmo anárquicas.

Ainda na mesma época, são registados múltiplos documentos que relatam a presença chinesa em Portugal, sendo de realçar um documento em forma de fotografia que mostra um cidadão chinês ostentando um terço na mão, aludindo, talvez, a algum casamento entre pessoas de nacionalidades diferentes.

Encontrar registos ou “vestígios” relativos à comunidade chinesa no Porto da altura mostra-se uma tarefa árdua, uma vez que, muitas vezes, os chineses adotavam nomes portugueses. Também é importante realçar o facto de, em caso de doença ou velhice, os chineses desejarem regressar à “terra mãe”, a China.

Analisando mais concretamente a comunidade chinesa em Lisboa, existia nos anos 1930 um pequeno grupo de chineses que concentrava a sua atividade na venda de gravatas de seda nas ruas ou até mesmo em armazéns. Depois das gravatas, passaram aos lenços da época para as senhoras e, posteriormente, abriram estabelecimentos de restauração. Desta maneira, é possível evidenciar o facto de a comunidade chinesa se ter conseguido adaptar às diferenças culturais e linguísticas num ambiente em nada similar com aquele da sua origem.

Aludindo ao sentido de solidariedade partilhado pelas pessoas de algumas áreas da China, aqueles que chegavam a Portugal primeiro receberiam aqueles que viriam posteriormente, ajudando a nível monetário ou até mesmo facilitando a procura de emprego, para que os últimos conseguissem abrir o seu próprio negócio. Se analisarmos a década de 1940, verificamos que a comunidade chinesa apresentava já um número considerável de indivíduos que se concentravam no sector da revenda.

Já na década de 1950, aqueles imigrantes pioneiros dos anos 30 tinham conseguido, com sucesso, expandir os seus negócios. Este sucesso atraiu familiares, e com isto se

inicia a compra de casa e carro próprios, começando também a frequência e a inclusão dos mais novos nas escolas portuguesas (Liu, 2017).

2.2. Quatro grupos de imigração chinesa em Portugal

Os emigrantes chineses em Portugal estão divididos em quatro categorias: (i) os chineses vindos de Moçambique, depois da descolonização portuguesa; (ii) os estudantes chineses de intercâmbio; (iii) os macaenses; e (iv) os cidadãos chineses detentores de visto. Depois de se mudarem para Portugal, as suas ocupações não são as mesmas, mas a maioria vive nas cidades litorais e um pequeno número situa-se nas áreas do interior.

Os primeiros emigrantes chineses trabalhavam para outros ou vendiam pequenas bijuterias. De forma gradual, foram-se tornando nos seus próprios patrões, em “lojas dos trezentos”, restaurantes e mercados grossistas. Nos últimos anos, foram ocupando cada vez mais postos de trabalho altamente qualificados, tais como em empresas de imobiliário, agências de serviços, instituições de ensino chinesas e, até mesmo, em várias instituições portuguesas. Assim sendo, a presença da comunidade chinesa em Portugal está a tornar-se cada vez mais diversificada.

2.2.1. Os chineses imigrados de Moçambique para Portugal

De acordo com os registos que concernem as atividades económicas chinesas no estrangeiro, é possível verificar que várias embarcações com destino à África oriental zarparam a partir da China em 1430, culminando na primeira “visita” chinesa a Moçambique. De acordo com o relatado por um chinês que viveu em Moçambique, a história dos chineses nesse país remonta a mais de 220 anos atrás. O motivo e a forma como estes lá chegaram são difíceis de explicar, contudo é sabido que a partir do final

do século XIX uma comunidade chinesa abriu o precedente para o desenvolvimento empresarial chinês nesse território africano.

Existem três motivos por detrás da migração chinesa para terras de Moçambique. Em primeiro lugar, a sobrepopulação sentida na China levava a um agravamento das condições socioeconómicas, o que fazia com que a baixa densidade populacional de Moçambique se mostrasse bastante atraente do ponto de vista de um chinês comum. Em segundo lugar, na época, a China era assolada por uma grave crise de instabilidade política (coincidindo com a queda da dinastia Qing). Por último, muitos residentes chineses em Macau eram desterrados, sendo o seu destino Moçambique, isto no caso de incumprimento da lei naquela colónia portuguesa (Macau).

Naquela época, Lourenço Marques (atualmente Maputo) era quase como que território virgem, havendo necessidade de uma intensa exploração e construção de infraestruturas básicas como estradas e pontes. Muitos dos trabalhadores chineses que se dedicavam a essa tarefa acabaram por sucumbir em terras moçambicanas. Quando este trabalho ficou concluído, o governo português da época não autorizou o regresso destes cidadãos chineses à sua terra de origem. Consequentemente, foi-se verificando um certo abandono de Moçambique.

Um grande número de trabalhadores originários das regiões litorais da China deslocou-se para Lourenço Marques, com o intuito de construir caminhos-de-ferro no final do século XIX. Com a conclusão deste projeto, muitos deles decidiram ficar em África, dedicando-se à carpintaria.

De acordo com o censo demográfico, levado a cabo em 1894, a comunidade chinesa concentrava-se na área da Beira e Lourenço Marques, reunindo um total de 36 homens adultos, uma mulher e duas crianças oriundos da China. Já em 1912, contava-se um total de quase 600 pessoas chinesas nesta antiga colónia portuguesa. Este foi o pico máximo de população chinesa para a época, começando nesse mesmo ano a decrescer

bastante. Em 1940, o número de chineses seria composto por 570 indivíduos. Nesta altura, os que por lá permaneciam tinham atingido um elevado estatuto socioeconómico devido ao seu espírito empreendedor. No período da “Pré-independência” de Moçambique, a comunidade chinesa já se tinha tornado numa classe rica no seio da sociedade moçambicana (Liu, 2017).

Na época da guerra independentista, muitos elementos desta classe chinesa rica fugiram para Lisboa, vindos de zonas como a Beira ou Lourenço Marques/Maputo, outros partiram para outros destinos. Muitos ainda resistiram e permaneceram em Moçambique, com o intuito de proteger as suas propriedades, enviando apenas os seus descendentes para um país de língua portuguesa, como Portugal ou Brasil.

Com a independência de Moçambique, este país assumiu um carácter socialista, e muitos chineses viram as suas propriedades e bens nacionalizados. Com este processo de nacionalização, muitos chineses (entre outras nacionalidades) saíram de Moçambique com destino a Lisboa. Contudo, os registos relatam que apenas 26 famílias imigraram para Portugal (Pires, 2003).

O grupo que assume o papel mais preponderante no âmbito da integração de chineses na sociedade portuguesa foi aquele que, durante a descolonização, se mudou de Moçambique para Portugal (este grupo de indivíduos é, em grande parte, oriundo da zona de Cantão, na China). A sua inserção foi bastante rápida e acabaram por viver e trabalhar como se de portugueses se tratassem. É de salientar que 96% destes chineses se integraram completamente na sociedade portuguesa (Jian, 2007).

A maioria destes descendentes de chineses de segunda e terceira gerações apresenta uma mentalidade em muito diferente daquela dos seus “antepassados”. Os pensamentos e costumes tradicionalmente chineses veem-se diluídos numa educação feita em escolas portuguesas. Quase a totalidade destes indivíduos tem cidadania portuguesa, grande parte nunca foi à China e poucos são os que falam mandarim (havendo uma maior

percentagem de falantes de cantonês) (Jian, 2007).

2.2.2. Os Chineses de Macau

Voltando atrás no tempo, importa destacar que enquanto os portugueses investiam na expansão e descoberta de “novos mundos”, a China continuava fechada para o resto do mundo.

Com efeito, o primeiro português a pisar solo chinês foi Jorge Álvares⁴, no início do século XVI. Após bastantes peripécias e tumultos, em 1553 os portugueses conseguiram finalmente desembarcar em Macau.

A partir de 1557, Macau tornou-se num ponto estratégico de comércio internacional, concedido a Portugal como forma de recompensa pela ajuda que os portugueses prestaram aos chineses aquando de um ataque pirata. Esta concessão tinha um carácter temporário e é também importante referir que a maioria da população em Macau era constituída por chineses oriundos de Guangdong e Fujian⁵.

Anos volvidos, no decorrer do século XX, e devido a dificuldades na manutenção do território, Portugal tentou por duas vezes devolver Macau à China. No entanto, o governo chinês rejeitou assumir Macau a nível administrativo e também por motivos ideológicos. Será apenas em 1999 que o território de Macau regressa à administração chinesa, uma vez que o governo chinês tinha finalmente aceitado, poucos anos antes, Hong Kong como parte do seu território.

No período em que Macau fazia parte do território ultramarino português, muitos portugueses casaram com macaenses. Uma vez terminada a administração portuguesa em Macau, cerca de 500 famílias imigraram para Portugal. No seio destas famílias

⁴Jorge Álvares explorador português indicado como o primeiro europeu a chegar à China de barco (1513), aportando no local a que hoje corresponde a região de Hong Kong.

⁵Províncias no Sul da China.

encontravam-se tanto indivíduos oriundos de Portugal como de Macau.

2.2.3. Estudantes chineses em Portugal

Uma outra parte significativa constituinte do grupo de imigrantes chineses em Portugal pertence ao conjunto de estudantes chineses de intercâmbio. A partir dos anos 1980, muitos são aqueles que partem da China para estudar no estrangeiro, levando a um incremento constante do número de estudantes chineses em Portugal.

Após a chamada Revolução Cultural na China⁶ (1976), surge um período de abertura económica, liderada por Xiaoping Deng⁷, com início em 1978. A partir desse momento, áreas como a ciência, tecnologia, cultura, entre outras, começaram a desenvolver-se. Este desenvolvimento levou a que o governo chinês encorajasse os estudantes a emigrar, para deste modo absorverem novas ideias e assimilarem conhecimentos mais avançados de outros países estrangeiros. Surge assim uma nova era na China.

A China e Portugal estabeleceram relações diplomáticas em 8 de fevereiro de 1979. Após o estabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países, o intercâmbio em economia, comércio exterior, cultura, ciência, tecnologia e educação tem aumentado gradualmente. A língua portuguesa é a quinta mais falada no mundo. É a língua oficial de Portugal, Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde, Brasil, Moçambique, Timor Leste, São Tomé e Príncipe e Guiné Equatorial, países que pertencem também à comunidade de países de língua portuguesa. Esta é uma das mais-valias do estudo da língua portuguesa. Com efeito, hoje em dia, os interesses económicos da China nos

⁶Revolução Cultural Chinesa: período da história chinesa a que corresponde uma grande campanha de cariz político e ideológico, tendo o seu início em 1949. Este movimento foi levado a cabo pelo líder do Partido Comunista Chinês, Mao Tsé-Tung, tendo como objetivo o controlo da população e, especialmente, da oposição.

⁷Deng Xiaoping foi o secretário-geral do Partido Comunista Chinês. No período entre 1978-1990 desempenhou funções de líder supremo da República Popular da China.

diversos países africanos, entre os quais os de língua oficial portuguesa, implicam a existência de inúmeras empresas chinesas e sino-africanas que necessitam grandemente de tradutores-intérpretes de língua portuguesa ou de outros profissionais que falem português. São estes empregos muito melhor remunerados do que os mesmos na China.

A fim de atender às necessidades de intercâmbio, há uma cada vez maior oferta de cursos de língua portuguesa nas universidades chinesas e a situação está em rápido desenvolvimento. Existem várias opções para quem desejar aprender português na China, além dos cursos universitários. Outras instituições de ensino disponibilizam aulas dessa língua e, com o rápido desenvolvimento da ciência e da tecnologia, também é possível frequentar cursos através da Internet.

Neste momento, apenas existem algumas instituições de ensino em línguas estrangeiras nas principais cidades da China que oferecem cursos de língua portuguesa. A maioria delas só tem aulas para níveis mais baixos e nenhum professor é diplomado, isto é, grande parte dos professores dessas instituições de ensino em línguas estrangeiras aprendeu português, mas não tem um certificado formal para o exercício da profissão de professor. Além disso, as propinas não são baratas.

Em 2005, os dois países (Portugal e China) assinaram o Acordo sobre o Reconhecimento Mútuo de Graus Académicos e Diplomas de Ensino Superior. Desde então, cada vez mais universidades chinesas e universidades portuguesas assinaram acordos sobre projetos de cooperação entre os quais o mais comum é o de intercâmbio de estudantes.

Diferentes universidades têm diferentes projetos de cooperação na educação e, por causa disso, existem diversos tipos de situações como, por exemplo, alguns estudantes aprenderem apenas português na Faculdade de Letras e alguns puderem ir para a Faculdade de Economia e Gestão ou de Direito para frequentar esses cursos além do de língua portuguesa. Do mesmo modo, também podem ir estudar para cidades diferentes.

As principais cidades são Lisboa, Coimbra, Porto, Aveiro e Leiria. Alguns estudantes podem estudar em Portugal até obterem um diploma de uma universidade local. Atualmente, cada vez mais estudantes chineses vêm para Portugal frequentar mestrados e doutoramentos, para além da licenciatura. Há ainda o caso dos imigrantes e das suas famílias que têm interesse em estudar português porque encontram-se a viver em Portugal. De modo análogo, há cada vez mais profissionais que tencionam ir trabalhar para as antigas colónias portuguesas, dado que os salários são mais vantajosos nesses países.

Analisando numa outra perspectiva, também em Portugal se contam várias instituições com a oferta de ensino da língua chinesa. São vários os Institutos Confúcio ⁸ existentes (Universidade do Minho, Universidade de Lisboa e Universidade de Aveiro). Estes institutos servem de ponto estratégico e têm servido como plataforma de expansão da língua e cultura chinesas. Há também escolas de chinês, destinadas na sua maioria a descendentes de imigrantes chineses. A maior situa-se em Lisboa, criada em 2000, contando atualmente com mais de 400 alunos por ano.

Apesar de terem surgido relativamente tarde, os intercâmbios de âmbito académico têm contado com uma grande e rápida evolução. Há cada vez mais estudantes chineses a migrar para Portugal com o intuito de “absorver” competências linguísticas e culturais. Este intercâmbio tem um carácter bilateral, isto é, incentiva a cooperação entre portugueses e chineses que desejam aprender a língua e a cultura do outro. Deste modo, surge uma nova geração capaz de balancear a integração das culturas chinesa e portuguesa no seu desenvolvimento pessoal.

⁸Instituto Confúcio: organização educacional com o intuito de difundir a língua e a cultura chinesas pelo mundo.

2.2.4. Os cidadãos chineses detentores de visto

Entre as décadas de 1920 e 1970 e, posteriormente, nos anos 1990 do século passado, grande parte dos chineses (oriundos principalmente de Zhejiang⁹) imigraram para Portugal de forma ilegal. Através da falsificação de vistos para obterem entrada na Europa, atravessavam a pé, escondendo-se muitas vezes em camiões ou utilizando identidades alheias para entrar em Portugal. Este processo de migração podia demorar entre três meses até um ano. O risco e as consequências deste tipo de migração clandestina deixaram marcas nessas gerações de imigrantes (Mortágua, 2011).

Do grupo de imigrantes chineses em Portugal destacam-se, devido ao seu grande número, aqueles provenientes da província de Zhejiang. Diz-se que estes têm um carácter “aguerrido”, principalmente no que às estratégias de negócio diz respeito, conseguindo obter grande sucesso naquilo em que investem. Numa primeira fase procuram sucesso nos seus projetos para que, posteriormente, os seus familiares a eles se juntem.

Conhecidos por não gostarem de trabalhar por conta de outrem, os chineses provenientes de Zhejiang desejam abrir o seu próprio negócio. Os filhos das primeiras gerações oriundas de Zhejiang deixam muitas vezes de estudar precocemente, uma vez que acreditam não precisar de estudos superiores (ou até mesmo ao nível do ensino secundário) para continuarem os negócios herdados. Contudo, há ainda aqueles que continuam a estudar, enveredando por caminhos ligados à arquitetura, engenharia, etc. Além desses, uma parte de chineses vivia noutros países europeus antes de imigrar para Portugal. O grande motivo de virem para terras lusas prende-se com a dificuldade de obterem um cartão de residência de longo prazo noutros países.

⁹Província situada no Sudeste da China.

Por outro lado, uma nova política, chamada “Golden Visa”, foi lançada pelo governo português, no dia 8 de outubro de 2012 (Lei n.º 29/2012, de 9 de agosto), concedendo autorização de residência em Portugal e, consequente, direito de circulação pelos 30 países do espaço Schengen, aos cidadãos exteriores à União Europeia. Bastaria a compra de um imóvel de pelo menos 500.000 euros, ou o depósito de 1.000.000 euros num banco português ou o investimento num projeto empresarial que pudesse criar pelo menos 10 postos de trabalho em Portugal. Esta política tem atraído muitos investidores estrangeiros. Esta política de imigração também atraiu muitos investidores chineses para comprar casas e fazer investimentos empresariais em Portugal.

Esta nova política incrementou a imigração ao nível de investidores, como também beneficiou diversas áreas de atividade como, por exemplo, empresas imobiliárias, de construção, escritórios de advogados, entre outros setores. Ao mesmo tempo, criaram-se mais oportunidades de emprego e outras direções de desenvolvimento para chineses locais. Para os estudantes chineses, também se oferecem muitas oportunidades para ficar em Portugal após a sua graduação.

Esta última vaga de imigração mostra uma grande diferença relativamente às que lhe antecederam. Trata-se de uma vaga que corresponde como que a uma elite chinesa, em que a formação e capacidade económica são maiores, sendo que esta “fuga” migratória poderá trazer consequências para a China. Foquemo-nos, então, na razão pela qual esta chamada “elite” decide sair da China, tendo como destino Portugal. Em primeiro lugar, o desejo de salvaguardar os seus bens, acrescentando expectativas às poucas existentes no âmbito do investimento no seu país de origem e, por último, a esperança de encontrar uma melhor qualidade de vida para si e para os seus filhos. Além disso, com a valorização do RMB (Renminbi) há um incremento na transferência e investimento de capital no estrangeiro, simbolizando uma forma de garantir o valor do seu capital. Contudo, esta vaga de imigração, com grande capacidade económica, acarreta consequências para o país que a acolhe como, por exemplo, a subida de preços no âmbito do mercado imobiliário em Portugal.

2.3. Distribuição de residência de imigrantes chineses em Portugal

Depois de os chineses se mudarem para Portugal, adquirem uma certa tendência na hora de escolherem o seu local de residência. Segundo as estatísticas, a maioria dos imigrantes chineses concentram-se em Lisboa, no Porto e na zona do Algarve. A grande maioria concentra-se na zona de Lisboa e posteriormente vão-se mudando para outras cidades. A distribuição dos imigrantes chineses relaciona-se com o nível de desenvolvimento económico da zona escolhida, de forma a poderem estabelecer o seu próprio negócio. Quando chega o verão, o turismo do Algarve começa a dinamizar-se e, conseqüentemente, uma parte dos imigrantes chineses desloca-se para lá tal como o fazem os comerciantes portugueses. Assim sendo, seja de modo temporário ou permanente, a mudança dos imigrantes chineses em Portugal está claramente dependente do nível de desenvolvimento económico e do mercado consumidor. Assim sendo, à medida que os anos de imigração vão crescendo, novos pontos e possibilidades de negócio vão surgindo, aumentando também a probabilidade de estes imigrantes se mudarem para cidades mais pequenas.

Na escolha do local de residência, presta-se muita atenção ao carácter simbólico, ao mesmo tempo que se valoriza as infraestruturas do local em geral. A classe média urbana acaba por abandonar progressivamente a zona tradicional do centro da cidade e opta pelas zonas suburbanas com maior facilidade de acesso a serviços e transportes. Ao mesmo tempo, as multidões de salário baixo concentram-se no centro da cidade superlotado, sofrendo com um isolamento cultural. Por exemplo, em Lisboa, a maioria dos imigrantes chineses concentra-se na Praça de Martim Moniz, a cidade antiga de Lisboa. Aqui vivem pessoas de etnias diferentes, sendo um espaço de projetos comerciais de imigrantes, ao mesmo tempo que reúne inúmeros comerciantes indianos e africanos. A Câmara Municipal de Lisboa não implementa restrições de habitação rigorosas, pelo que os imigrantes podem escolher livremente a zona de residência conforme as suas condições económicas e a sua vontade. Porém, a maioria dos

imigrantes têm uma maior preferência em viver com pessoas da mesma comunidade.

2.4. As características dos imigrantes chineses

2.4.1. Relação próxima entre Portugal e China

A migração de imigrantes chineses não impediu a relação próxima com a terra-mãe, a China. Apesar de saírem da China, os imigrantes chineses mantêm o contacto emocional e económico com os familiares do seu país de origem. Quando o imigrante cria um negócio enfrenta algumas vezes o problema de falta de trabalhadores. Resolve este problema trazendo familiares do país de origem para colaborarem nos seus negócios. Depois da migração, continuam a manter o contacto próximo com os familiares por meio de transferências transfronteiriças. No seio de uma família tradicional, o homem assume a responsabilidade de fonte de rendimento, enquanto que a mulher se responsabiliza pelos cuidados familiares, pela criação dos filhos e ajuda aos idosos. Da mesma forma, também na imigração tradicional, é o homem da casa que imigra, que se responsabiliza pelas fontes de rendimento, ficando a mulher no país de origem. Os homens enviam dinheiro com regularidade para a família que está na China, de forma a colmatar as despesas domésticas. Quando a sua identidade social e os seus rendimentos se tornam estáveis, dá-se a reunião familiar com a consequente imigração da restante família. Aqui, deve-se prestar atenção à legalização do imigrante, processo este que demora muito mais tempo do que a obtenção de rendimentos estáveis. Em 2007, foi aprovada e publicada a nova lei de imigração pelo governo português, o que permitiu a muitos dos imigrantes chineses obterem a legalização de identidade no território português.

2.4.2. Aumento do número de imigrantes de segunda geração

Desde os anos 1980, assim que os imigrantes da primeira geração ganharam estabilidade, começaram a criar descendência no seu novo país de residência. Portugal é um país com uma taxa de natalidade muito baixa, pelo que o governo incentiva as

mulheres em idade fértil a criarem uma família, tendo como objetivo aumentar a taxa de natalidade de forma a abrandar a crise e a pressão do envelhecimento populacional. No início dos anos 1990, os imigrantes da primeira onda de migração chinesa, estabeleceram uma sociedade Sino-Portuguesa depois de mais de uma década à base da integração social e reuniões familiares. Por volta do ano 2000, os imigrantes chineses receberam o primeiro “baby boom”, a explosão demográfica. A maioria dos descendentes chineses nascidos em Portugal, nasceram nesse período. Antes disso, a maioria dos imigrantes da segunda geração eram nascidos no seu país de origem, a China, migrando posteriormente para Portugal. De acordo com os dados dos Censos (2011), a população imigrante chinesa em Portugal é a mais jovem, devido à taxa de natalidade no seio da comunidade. A idade média da população chinesa a viver em Portugal, de acordo com estes dados estatísticos, é de 31,1 anos. A razão por detrás desta estatística é o facto de existirem muito mais indivíduos casados do que solteiros (59% são casados e 38% são solteiros). As crianças chinesas dos 0 aos 4 anos representam, em número, o dobro daquelas das restantes comunidades imigrantes, sendo que até aos 9 anos, o caso é semelhante. Esta situação, no futuro, pode trazer a possibilidade de uma maior integração social da segunda geração de imigrantes de diferentes culturas. De acordo com notícias recentes (jornal *Diário de Notícias*), de momento em Portugal encontram-se cerca de 30 mil chineses e seus descendentes.

2.4.3. Modelo básico de mobilidade de imigrantes

O primeiro tipo de mobilidade de imigrantes diz respeito àqueles que começam a trabalhar desde um nível mais baixo e, através do seu próprio esforço, evoluem, alcançando a *classe média*. Este percurso é mais adequado para as pessoas que não estão familiarizadas com o mercado de trabalho atual, com baixo nível de educação, baixo nível em competências de trabalho e pouca experiência profissional.

Porém, na era pós-industrial e de globalização económica, devido à redução da indústria manufatureira e à reestruturação da estrutura socioeconómica, por muito que os trabalhadores profissionais de nível baixo se esforcem, a probabilidade de conseguir alguma promoção com sucesso é cada vez menor. Tal como mencionado anteriormente, o principal grupo de imigrantes chineses começa principalmente pelos pequenos comércios, e só depois da entrada das empresas chinesas em Portugal é que começa a chegar uma parte significativa de imigrantes qualificados. Ao mesmo tempo, devido à falta de núcleo industrial e comercial no pilar da economia nacional portuguesa, as diferenças na estrutura da população imigrante e as características da economia tornaram a Teoria de Assimilação tradicional completamente desajustada no âmbito da imigração de chineses em Portugal.

O segundo tipo, é a *mobilidade social* mais comum que é através do sucesso educativo, entrando diretamente para a classe profissional da economia ortodoxa. Antigamente, em países com maior concentração de imigrantes chineses como Inglaterra, França, Estados Unidos da América, Canadá, entre outros, e devido à discriminação racial e à xenofobia, mesmo que os imigrantes chineses ou os seus filhos tivessem recebido uma educação superior, continuaria a ser muito difícil que entrassem para a classe média alta da economia ortodoxa. Nos últimos anos, conforme a abertura da sociedade dominante e a abolição da discriminação racial nos países referidos anteriormente, o grande número de imigrantes chineses (incluindo os estudantes) e os descendentes de chineses têm tido acesso às instituições de ensino superior e de pós-graduação locais, obtendo licenciaturas, mestrados e doutoramentos. Para os imigrantes chineses ou os descendentes chineses que têm diplomas de ensino superior, é geralmente mais fácil encontrar emprego no mercado de trabalho, entrando assim na classe profissional da economia ortodoxa. No entanto, embora lhes seja relativamente fácil encontrarem um emprego, conseguirem postos mais altos de administração ou chefia revela-se muitas vezes uma tarefa árdua pois encontram pelo caminho bastantes obstáculos, acabando por se perder a vontade de continuar a lutar. Da mesma forma, a combinação da história de imigrantes chineses em Portugal e o desenvolvimento de imigrantes da segunda

geração motivou os filhos de imigrantes de Moçambique e Macau, criados com uma educação superior, a terem profissões mais comuns. Todavia, na realidade, a mudança desta situação é o resultado da acumulação intergeracional, sendo muito difícil para os imigrantes de segunda geração a sua concretização. Atualmente, este tipo de mobilidade social é menos comum nas famílias de imigrantes chineses da China continental.

O terceiro tipo de mobilidade social mais comum é a *criação de empresa própria* e o desenvolvimento da economia étnica. Na verdade, é mesmo nesta forma de produção que os imigrantes chineses gerem a sua vida social em Portugal. O desenvolvimento comercial dos descendentes chineses está concentrado no ramo de revenda de mercadorias exportadas e no ramo da restauração. No entanto, embora possa existir uma acumulação de riqueza material, a reputação dos preços baixos e dos artigos de má qualidade não conquistou o reconhecimento e o estatuto social dos comerciantes chineses. A concretização da mobilidade social não só depende do aumento da riqueza, mas também da influência da política social e da desigualdade racial. No entanto, é importante reconhecer que dentro do grupo étnico chinês, a gestão de negócios afeta diretamente a divisão de estratos sociais. Os comerciantes com melhores situações de negócio ocupam uma posição de topo na Câmara de Comércio Chinesa. Isto demonstra a forma como o sucesso comercial influencia a posição social.

Capítulo 3 - ESTUDO EMPÍRICO

3.1. Problemas

Com o contínuo desenvolvimento da globalização económica, o fluxo de pessoas entre os países do mundo e a diversidade cultural estão a aumentar. A cultura de cada país está em constante evolução neste processo de comunicação e de integração.

A imigração internacional é uma das manifestações importantes do desenvolvimento social. Na onda da imigração internacional, o número de imigrantes chineses é enorme. Como atividade económica e política especial, a imigração afeta, também, a transformação da família e o crescimento infantil.

A primeira geração e a segunda geração de imigrantes são muito diferentes entre si, em termos de situações e de condições de vida. Como um grupo especial, a segunda geração de imigrantes tem identidade cultural e posicionamento social muito diferentes das pessoas comuns, o que afeta não apenas o seu estilo de vida, mas também a sua perspetiva do mundo, dos valores e dos comportamentos.

Ainda que académicos de vários países tenham realizado estudos macroscópicos e microscópicos sobre a segunda geração de imigrantes, há poucos estudos específicos sobre a segunda geração de imigrantes chineses em Portugal. Uma pesquisa nesta área pode não só aprofundar a compreensão do povo chinês no exterior, mas também facilitar a sua sobrevivência e desenvolvimento, o que é muito significativo.

3.2. Objetivos e significados da pesquisa

3.2.1. Objetivos

Com este trabalho de pesquisa teve-se em conta os objetivos, de forma a que o processo

e a análise dos resultados possam ser desenvolvidos e discutidos de forma eficaz. Em primeiro lugar, o objetivo basilar é relativo ao desencadear de uma discussão sobre as ideias gerais e específicas no que à autoimagem dos descendentes chineses em Portugal diz respeito. Deve-se atentar à forma como estes indivíduos se identificam a si mesmos aquando de um “conflito” identitário e choque cultural. Em segundo lugar, e não menos importante que o supracitado, tem-se como objetivo a análise de fatores que influenciam direta e indiretamente a autoimagem dos descendentes chineses em Portugal. Neste ponto pretende-se descobrir o que é que pode moldar a perceção do indivíduo quanto à sua própria identidade (família, amigos, entre outros possíveis fatores). Por último, o presente trabalho tem também como objetivo a procura e a apresentação de recomendações razoáveis para a orientação no que concerne à autoimagem dos descendentes de chineses em Portugal.

Em síntese, o objetivo geral deste Estudo é analisar os fatores que influenciam direta ou indiretamente a autoimagem da segunda geração de imigrantes chineses em Portugal.

Por sua vez, os objetivos específicos são:

- vii) Apresentar a problemática da autoimagem étnica da segunda geração de descendentes de imigrantes chineses em Portugal;
- viii) Analisar os contextos atuais e do passado da comunidade imigrante chinesa em Portugal;
- ix) Discutir a situação geral e específica da autoimagem dos descendentes chineses em Portugal;
- x) Ponderar os fatores que influenciam a autoimagem dos descendentes de chineses em Portugal;
- xi) Explorar os modelos de identidade cultural da segunda geração de imigrantes chineses em Portugal;
- xii) Sugerir propostas razoáveis para orientar a autoimagem dos descendentes chineses em Portugal.

3.2.2. Significados

3.2.2.1. Significados teóricos

A identidade da segunda geração de imigrantes sempre foi um tema amplamente estudado no campo da sociologia; contudo, existe relativamente pouca pesquisa e análise sobre a situação especial da segunda geração de imigrantes chineses em Portugal. Quais são as especificidades da identidade da segunda geração de imigrantes chineses em Portugal? Quais são os fatores influenciadores e como é que estes afetam as suas vidas? O presente trabalho utiliza a pesquisa empírica como meio, a pesquisa teórica como base, com o fim de responder às questões mencionadas acima, o que poderá ser um contributo de grande significado teórico, uma vez que enriquecerá o conteúdo das pesquisas neste âmbito.

3.2.2.2. Significados práticos

A identidade da segunda geração de imigrantes é um fenómeno que é afetado por muitos fatores relacionados entre si. Com efeito, compreender a situação e os fatores de influência da identidade da segunda geração dos imigrantes chineses em Portugal, ao mesmo tempo que se propõem soluções correspondentes, é de grande importância e pode guiar toda esta geração para uma melhor integração na sociedade local e encontrar um ponto de contacto entre as culturas oriental e ocidental. Da mesma forma, quando os imigrantes chineses entendem a sua identidade cultural e a ideia de nação, os mesmos podem conscientemente escolher o estilo de vida que lhes convém, desfrutando das suas vantagens, superando as desvantagens e melhorando a qualidade da sua vida pessoal e profissional.

3.3. Método de pesquisa

A identidade é um fator emocional importante na vida da segunda geração de imigrantes chineses em Portugal e, por isso, através da pesquisa, utilizando questionários e análise

de entrevistas, o presente estudo tem como objetivo compreender a situação geral e os fatores de influência da identidade pessoal e da ideia de nação da segunda geração de imigrantes chineses em Portugal. Por fim, apresentam-se conclusões através da discussão dos resultados obtidos assim como propostas e sugestões que nos parecem eficazes.

3.3.1. Participantes na pesquisa

Os participantes são, principalmente, a segunda geração de imigrantes chineses em Portugal, incluindo jovens nascidos e criados em Portugal e os que crescem em Portugal depois de terem nascido na China. Foi realizada uma investigação abrangente sobre a situação pessoal básica e identidade subjetiva dos participantes. No total, participaram 65 pessoas, sujeitos da pesquisa, e mais outras 3 pessoas que acederam a responder a entrevistas mais desenvolvidas. O total dos respondentes ao questionário inclui 24 indivíduos do sexo masculino e 41 do sexo feminino, de idades compreendidas entre os 8 e os 57 anos, todos escolhidos por conveniência. No total de sujeitos inquiridos, 20 indivíduos nasceram em Portugal e 45 nasceram na China. Os sujeitos entrevistados incluem 2 homens e 1 mulher de idades compreendidas entre os 23 e os 25 anos, tendo dois deles nascido na China e um em Portugal

3.3.2. Instrumentos da pesquisa

No âmbito dos instrumentos utilizados no decorrer da pesquisa destacamos dois cruciais para o sucesso da mesma: em primeiro lugar, os questionários anónimos e, em segundo lugar, as entrevistas mais detalhadas que excluem o anonimato, dada a particularidade dos nomes próprios e de família na cultura chinesa.

1. Questionário

O objetivo da aplicação de um questionário foi a recolha de informações pessoais básicas, incluindo local de nascimento, situação linguística, tempo passado em Portugal, hábitos sociais e de vida, assim como os outros elementos que nos permitissem atingir

os objetivos definidos para este Estudo. O questionário encontra-se em Anexos (Apêndice 1), mas na sua versão em mandarim, que foi a única que utilizámos de acordo com os respetivos respondentes. Estes foram escolhidos por conveniência, dada a disponibilidade que mostraram em responder ao questionário, e aplicados via internet.

2. Entrevista

A entrevista em profundidade e com nomes reais é utilizada para entender a situação pessoal específica da segunda geração de imigrantes chineses em Portugal. Concentra-se principalmente na sua perceção subjetiva. Quando os entrevistados fizeram escolhas entre os dois países considerando o bilinguismo, o ambiente social, o seu local preferido de trabalho e para a sua vida futura, as suas preferências pessoais e identidade foram destacadas. As entrevistas foram realizadas presencialmente, em língua portuguesa e a sua transcrição pode ser consultada em Anexos (Apêndice 4). O nome dos entrevistados é referido com o seu prévio consentimento.

Comparando os dois instrumentos, o questionário enfoca a situação real objetiva, enquanto que a entrevista em profundidade dá mais atenção à escolha subjetiva dos indivíduos. A combinação dos dois instrumentos aplicados e a triangulação dos dados obtidos pareceu-nos fundamental para poder apresentar, de forma mais abrangente e eficaz, a situação geral da segunda geração de imigrantes chineses em Portugal.

Capítulo 4 – Análise e discussão dos resultados

4.1. Problemática da identidade da segunda geração de chineses em Portugal: da teoria à prática

As referências teóricas feitas nos capítulos anteriores constituem a base para uma análise e discussão dos dados obtidos, quer através da aplicação dos questionários, quer através das entrevistas presenciais realizadas.

Com esta problemática pretendemos triangular os dados obtidos, de modo a compreender melhor a problemática da identidade da segunda geração de chineses em Portugal e, assim, responder aos objetivos que definimos para este Estudo.

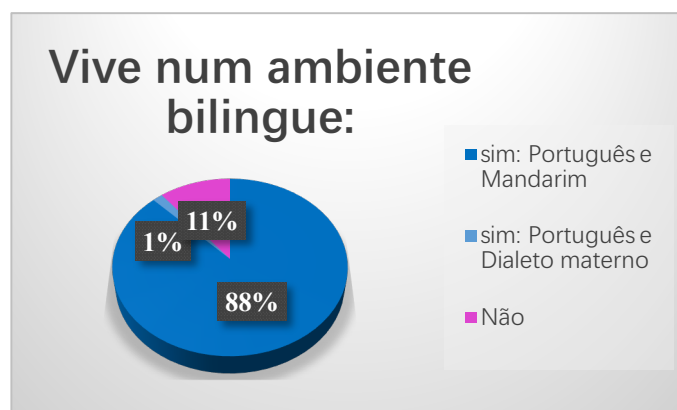
Teoricamente, apoiámo-nos em Stryker (2002) e na sua pesquisa identitária que se originou a partir da interação simbólica estrutural SSI autores. A presente dissertação baseou-se também na Teoria do Conflito Cultural de Sellin (1938). Analisou-se também a ideia de Harker (2001) de que os problemas de ajustamento psicológico causados pelos próprios imigrantes serão transmitidos para a geração seguinte, fazendo com que esta enfrente contradições psicológicas e incompatibilidades quando confrontada com conflitos culturais. É também de elevada importância na elaboração do presente trabalho os três modelos de identidade propostos por Berry, Trimble, & Olmedo (1986) e a perspectiva da Teoria da Aculturação em que assentam os mesmos. A divisão da identidade cultural em quatro formas distintas, ideia avançada por Hunik (1991) e Berry (1997), serviram também de guia no decorrer da investigação. Por fim, o trabalho de Cummins (1986) e outros académicos, que sugeriram que a identidade cultural desempenha um papel proeminente no processo de integração social das crianças imigrantes, foi também essencial para a execução do nosso trabalho.

4.1.1. As principais características dos imigrantes chineses de segunda geração em Portugal

1. A língua falada

Foi realizado um inquérito a fim de entender melhor a problemática da autoimagem étnica da segunda geração de chineses em Portugal. Trata-se de um questionário que inclui, principalmente, perguntas sobre as informações básicas dos entrevistados, o estilo de vida e amigos, e, finalmente, as perspetivas de futuro. Foram aplicados, no total, 65 questionários válidos, tendo sido integrados e analisados alguns dos dados.

Gráfico 1- Bilinguismo



Com a análise deste gráfico podemos verificar que 89% dos entrevistados vivem num ambiente bilingue e apenas 11% receberam uma educação monolíngue. Basicamente, esta pequena parte da segunda geração nasceu na China e viveu lá algum tempo antes de imigrar. Assim, na sua cognição, estes indivíduos acham que a sua língua nativa é o chinês / mandarim, usando o português como segunda ou terceira língua estrangeira. Por terem nascido em Portugal ou por terem imigrado em tenra idade, a maioria dos inquiridos vive em ambientes bilingues ou multilinguísticos.

O chinês de segunda geração é bilingue ou domina mais do que uma língua. Esta geração costuma usar o português na escola e/ou no mercado de trabalho. No entanto,

em casa, a maioria utiliza o mandarim ou o seu dialeto (língua materna da região chinesa onde os pais nasceram), utilizando pouco o português ou o inglês. Assim sendo, parece-nos poder concluir que a maioria vive num ambiente bilingue.

A atividade inicial no desenvolvimento da linguagem das crianças começa com a família. O ambiente linguístico em contexto familiar não só desempenha um importante papel no desenvolvimento da criança, como também afeta a sua capacidade de aprendizagem de uma segunda língua. Em famílias bilingues ou multilingues, a situação da utilização da linguagem pelos membros da família é mais complexa. Esta situação depende do tipo de linguagem utilizada pelos membros da família, da sua idade, do nível académico, do género, entre muitos outros fatores condicionantes. O ambiente bilingue mostra-se bastante benéfico para as capacidades cognitivas, sociais e comunicativas das crianças. Comparativamente com crianças monolingues, as crianças bilingues em idade pré-escolar têm um controlo de inibição mais acentuado. Quando as crianças bilingues escolhem falar na sua segunda língua estão, ao mesmo tempo, a controlar o impulso de resposta. Outro benefício prende-se com o facto de que as crianças bilingues parecem ter uma maior compreensão na leitura e nos cálculos aritméticos do que as restantes crianças da mesma idade (Byers-Heinlein, & Lew-Williams, 2013).

A maior parte das crianças criadas no seio de uma família de imigrantes tem conhecimentos de mandarim; contudo, o seu nível de compreensão e/ou expressão varia dependendo da sua idade, do nível de língua portuguesa dos pais e da localidade em que residem, sendo que a maioria tem mais dificuldades na escrita. Se o nível da língua portuguesa de um dos pais for elevado, os seus filhos terão mais dificuldades relativamente à língua chinesa. Se um dos pais for português, o nível da língua portuguesa dos seus filhos será muito mais elevado, ao contrário do nível da língua chinesa, que será mais fraco. O tipo de grupo de amigos também influencia o nível da língua chinesa.

2. Profissão e escolaridade

Gráfico 2 – Profissão

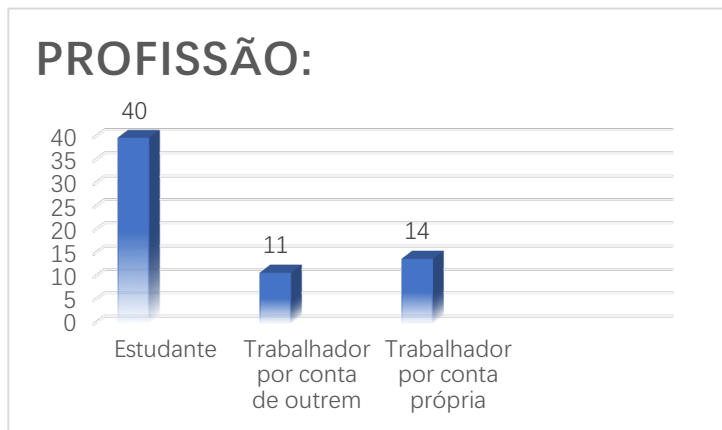
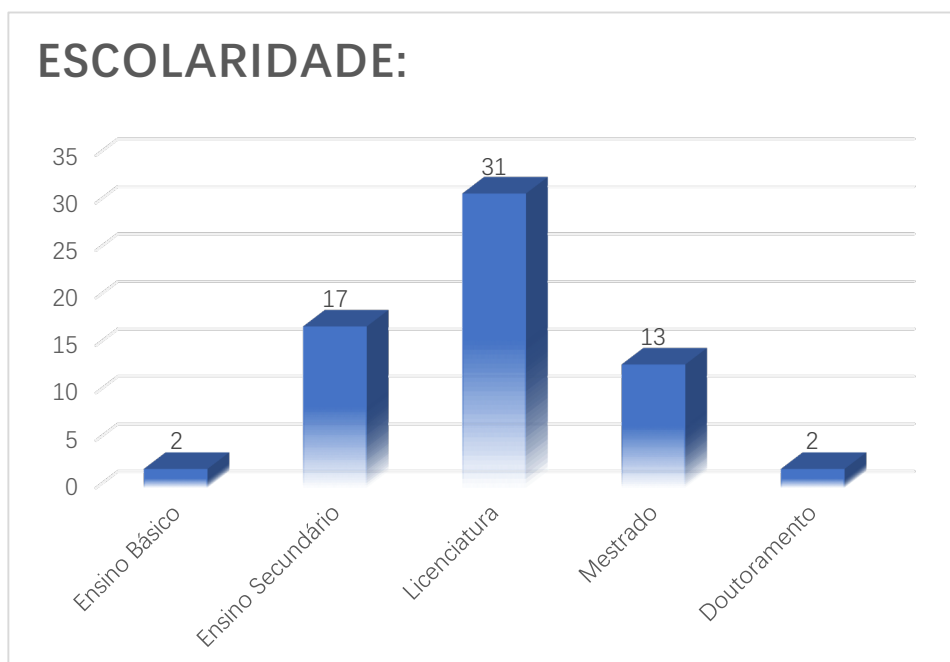


Gráfico 3 – Escolaridade



Nos gráficos acima exibidos (gráficos 2 e 3), parece-nos poder concluir que a grande maioria dos imigrantes chineses de segunda geração inquiridos se encontra a estudar (61%). É também importante referir o seu grau académico, uma vez que apenas 29% dos inquiridos não prosseguiu os estudos superiores, sendo que alguns dos participantes

eram menores, podendo este número ser, no futuro, ainda mais reduzido.

Podemos então concluir que o chinês de segunda geração valoriza bastante a educação e, portanto, uma das suas principais características é o grande investimento feito na educação dos seus filhos. Com este investimento na educação pretende-se que os filhos consigam encontrar uma profissão com um bom salário e que, simultaneamente, adquiram um lugar de destaque na sociedade. Além disso, muitos dos imigrantes chineses têm um nível de português limitado, e muitos deles não conseguem comunicar nesta língua, aspirando assim a que, num futuro, os seus filhos os possam ajudar a comunicar em português, bem como também a auxiliar nos negócios, melhorando-os.

O estado económico da família afeta diretamente o investimento na educação das crianças. Quando as condições económicas da família são boas, o investimento na educação aumenta. Os primeiros imigrantes tiveram uma maior dificuldade no seu desenvolvimento económico devido à situação dos seus pais, o que colocou as expectativas educacionais de muitas crianças imigrantes em segundo plano e levou a que estes descendentes assumissem as responsabilidades dentro da família mais cedo. No entanto, e olhando para as atuais expectativas educacionais dos pais, o nível médio de investimento na educação das crianças imigrantes aumentou significativamente.

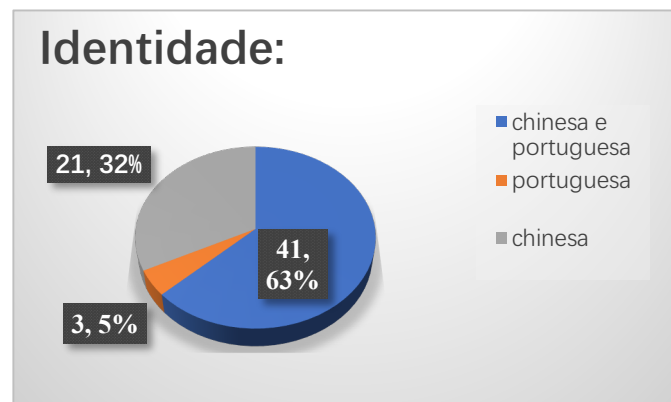
3. A ausência do sentimento de amor em casa

Outra característica a ressaltar, resultante dos dados recolhidos e algo inesperada, é a ausência do sentimento de amor em casa. Devido à diferença do ambiente social de cada um dos imigrantes chineses de segunda geração, o seu comportamento difere daquele dos seus pais, bem como e entre outros, do seu pensamento psicológico. Consequentemente, sentem falta de segurança e de amor, têm saudades de casa e pensam fazer parte das duas culturas. Sentem-se pessoas divididas e sofrem muita pressão psicológica e cultural, porque acabam por ser criados em dois mundos. Em casa, a maioria dos pais educa os seus filhos, exigindo que estes deem valor à cultura do país de origem. Ao estarem fora de casa, é-lhes ensinada a cultura ocidental. Todavia, entre

a cultura oriental e ocidental há valores culturais completamente opostos. Se uma família de imigrantes asiáticos valoriza imenso as classificações nos testes ou exames de avaliação, uma família ocidental já não, isto é, ter boas notas não é o mais importante, valorizando-se muito mais a aquisição e formação de competências e adaptando essa mesma formação aos seus gostos e às suas preferências. Assim, os descendentes de imigrantes caminham em dois mundos distintos entre si, com diferenças acentuadas nos âmbitos da cultura e do contexto histórico, parecendo não pertencer a nenhum destes dois mundos. Os novos imigrantes chineses de segunda geração sentem-se hesitantes relativamente às outras culturas, o que provoca problemas e dúvidas relativamente à sua identidade.

4.2. A identidade do imigrante chinês de segunda geração em geral

Gráfico 4 – Identidade



À pergunta “Com que nacionalidade se identifica mais? Portuguesa ou chinesa?”, 63% dos inquiridos assumiu a dupla nacionalidade como a sua identidade, sendo que apenas 5% afirmou considerar-se português. Esta situação pode estar relacionada com o facto desta segunda geração de imigrantes chineses já ter nascido ou vindo muito cedo para Portugal, estando mais imersos na cultura portuguesa do que, quiçá, os pais, ao mesmo tempo que a família incentiva à manutenção dos valores tradicionais chineses. Posto isto, e de forma a não deixar nenhuma das culturas à margem, os indivíduos acabam por se identificar como sino-portugueses.

A identidade é um conceito importante estudado pelos alunos ocidentais. Conforme a evolução da globalização económica, a diversidade cultural torna-se cada vez mais popular e comum. As primeiras questões a responder sobre a identidade são: Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou? A resposta a estas questões passa primeiramente por a identidade ser o símbolo que representa um indivíduo ou um grupo, identificando-o a si próprio em certas circunstâncias. Atualmente, os académicos (Sellin, 1938) enfatizam a complexidade da identidade étnica, a instabilidade e as características da época. Se o indivíduo estiver enquadrado num contexto social muito diferente daquele da sua origem, maior será a consciência sobre a problemática da sua identidade. Os imigrantes chineses de segunda geração que vivem em Portugal mostram estar numa situação muito diferente, e assim sendo como é que se identificam a si próprios?

4.3. As atitudes e as características da identidade do imigrante chinês de segunda geração em geral

Gráfico 5 – Naturalidade

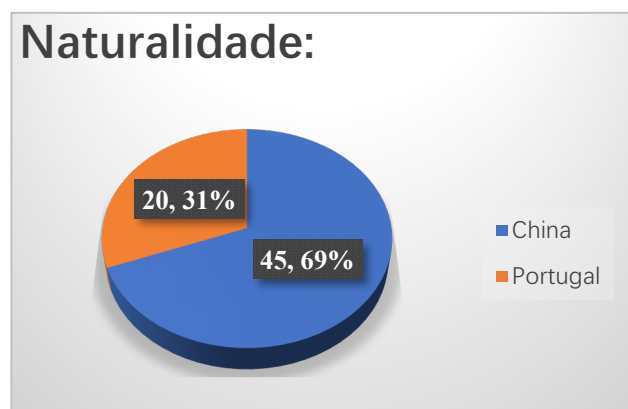
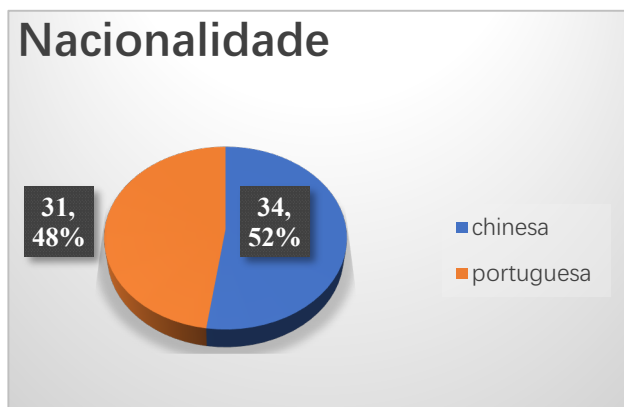


Gráfico 6 – Nacionalidade



Analisando os gráficos 5 e 6 pode-se verificar que existe um número considerável de indivíduos que, apesar de terem nascido na China (isto é, são naturais da República Popular da China), imigraram para Portugal em tenra idade e acabaram por adquirir a nacionalidade portuguesa. Veja-se que, no gráfico 5, apenas 20 inquiridos nasceram em Portugal, sendo que, posteriormente, no gráfico 6, 31 indivíduos assumem a nacionalidade portuguesa, apesar de terem nascido na China.

Aqui a identidade assume-se como portuguesa de descendência chinesa, ou seja, a maioria tem nacionalidade portuguesa, mas devido à influência das duas culturas diferentes, possuem a característica da dupla identidade. No que diz respeito à identidade étnica, esta poder-se-á classificar como chinesa. No âmbito político, a identidade é o país de residência, já na língua e no estilo de vida são visíveis múltiplas identidades. Em termos da direção da valorização cultural também se encontra a mistura de várias identidades. A identidade étnica é um facto biológico, mas se se sentem orgulhosos da sua identidade, ou se aceitam a sua identidade étnica, esta questão ainda continua a ser um problema. Apesar de estarem familiarizados com a cultura chinesa, devido aos seus laços genéticos, têm consciência que a sua cultura está intimamente ligada com o lugar, a época e as pessoas com quem convivem. Os imigrantes chineses de segunda geração encontram-se num estado “misto”, imiscuindo a crença na cultura ocidental, preservando, ao mesmo tempo, as características étnicas tipicamente orientais.

A cultura ocidental, nomeadamente a portuguesa, modifica as características dos descendentes de imigrantes, existindo sempre uma influência notória na construção da identidade. Na verdade, a maioria dos chineses de segunda geração que vive na comunidade chinesa, ao participar em vários dos seus rituais e das suas atividades, é influenciada inequivocamente pela cultura tradicional chinesa, ainda que, às vezes, esta apenas simbolize a sua etnia. A presença da consciência étnica depende da influência da cultura tradicional dos ascendentes, podendo haver uma maior ou menor influência, consoante o ambiente em que cada indivíduo está inserido. Em geral, os imigrantes chineses de segunda geração aceitam a cultura ocidental em certo momento, preservando ao mesmo tempo as características da sua etnia original, ou até mesmo genética.

4.3.1. Análise das causas

A dupla identidade da segunda geração de chineses está diretamente relacionada com as duas culturas de origem, bem como se liga com as teorias do multiculturalismo e a influência do transnacionalismo.

Primeiro, a influência do contexto de duas culturas. A característica da identidade de imigrantes da segunda geração é inseparável da cultura chinesa que lhes está no sangue e da experiência vivida em Portugal. Por um lado, são influenciados pela cultura ocidental e vivem de modo ocidental, pois uma boa parte deles são cidadãos portugueses. Por outro lado, apesar da falta de conhecimento da sua origem ancestral e o conceito de terra natal ser muito vago, a comunidade chinesa e as famílias de imigrantes chineses ainda preservam a consciência da cultura chinesa, influenciando assim progressivamente os descendentes, que também são educados pelos pais, sendo que na consciência deles sabem mais ou menos os “básicos” da cultura chinesa. Muitos dos pais imigrantes chineses concordam com o conceito de valores da cultura chinesa, e consideram essencial ensinar os filhos a respeitar os idosos, a cuidar dos outros e não só de si próprios, entre outros (Gorman, 1998). Portanto, para as famílias chinesas e

para a comunidade chinesa, a cultura tradicional representa o símbolo da etnia na vida dos descendentes ou têm muita ou pouca consciência étnica. Os descendentes de imigrantes chineses absorvem a cultura dos seus pais, sendo esta a outra fonte da identidade.

Segundo, a influência da teoria do multiculturalismo e como refere Silva (2008), respeitar, tolerar e proteger a cultura étnica, reconhecendo as diferenças entre os grupos étnicos e reconhecendo a igualdade nas diferenças, protegendo os direitos das minorias étnicas e dos membros da cultura, são elementos fundamentais. É um conceito, mas também uma ideologia e um sistema teórico baseado na proteção dos direitos das minorias étnicas e dos próprios direitos humanos.

Os problemas da identidade étnica são, geralmente, causados pelos conflitos e assimetrias originados pela colisão de diferentes culturas. Assim sendo, é mais comum em minorias étnicas, sobretudo em imigrantes. Os imigrantes sofrem imensa pressão devido às diferentes identidades étnicas. Do ponto de vista da psicologia clínica, o sentido de pertença cultural e a identidade étnica também desempenham um papel importante na saúde mental dos imigrantes. Além disso, os filhos de imigrantes precisam de lidar com mais conflitos, incluindo os conflitos entre a cultura antiga e a cultura atual, entre a cultura familiar e a cultura escolar, entre o conceito individual e o conceito grupal, entre outros. No momento da integração e da adaptação cultural, a maioria dos filhos de imigrantes demonstram-se unidirecionais nulos, ou seja, quando aceitam a cultura do principal grupo étnico, vão rejeitar e detestar a cultura de outro grupo étnico. Esta atitude é basicamente a desigualdade cultural, é a força de uma cultura sobre a outra cultura. Alguns estudiosos afirmam que os filhos de imigrantes que passaram pela assimilação cultural, obtendo a identidade étnica do país migrado, representam a ação e o resultado positivo.

Atualmente, o estudo sobre a identidade étnica é obtido na sua maioria através das análises da identidade étnica do imigrante do ponto de vista sociológico, como a *teoria de formação da identidade*, a *teoria da identidade social* e a *teoria da adaptação cultural*. Esta perspectiva foca-se na psicologia individual, na relação interpessoal e no ambiente sociocultural sobre a influência da identidade cultural, entrando-se menos na educação sobre a influência da identidade étnica. Já em 1998, alguns teóricos, como por exemplo Yu-Wai Chiu e Jeffrey M. Ring (1998), em *Chinese and Vietnamese immigrant adolescents under pressure: Identifying stressors and interventions*, afirmam que a educação (ambiente) é um fator importante que influencia a identidade étnica. Isto acontece especialmente neste caso, uma vez que os chineses e os seus filhos sempre atribuíram uma grande importância à educação.

A identidade étnica dos filhos de chineses é influenciada principalmente por três fatores: a escola, a família e o indivíduo.¹⁰ De modo geral, estes três tipos de fatores que influenciam a identidade étnica também dependem das funções da educação, incluindo especificamente a educação escolar, a educação familiar, a cognição individual e a tendência de aprendizagem (autoeducação). Nos dias de hoje, ao destacar a diversidade e o multiculturalismo, os descendentes de imigrantes chineses consideram que a identidade multiétnica traz vantagens.

Em terceiro lugar, a influência do transnacionalismo. A globalização económica e a rapidez do desenvolvimento global das comunicações e dos transportes facilitam e fazem com que os imigrantes mantenham o contacto com o seu país de origem. O desenvolvimento vigoroso da economia da China e a participação na economia global são fatores que tornam comuns os interesses dos imigrantes chineses e os interesses da sua pátria.

¹⁰ Yu-Wai, C., & Jeffrey, R. (1998). *Chinese and Vietnamese Immigrant Adolescents Under Pressure: Identifying Stressors and Interventions*, *Professional Psychology: Research and Practice*, pp.444-449.

Hoje, com o rápido desenvolvimento da tecnologia, a comunicação e o transporte tornaram-se muito mais convenientes. Ao mesmo tempo, com a popularidade da Internet, os chineses em todo o mundo podem facilmente entrar em contato e interagir com familiares e amigos na China, além de acompanhar rapidamente o seu desenvolvimento e a sua cultura. Simultaneamente, isto também permite que os descendentes dos chineses fora da China saibam mais sobre a sua pátria.

Ainda que a maioria dos descendentes chineses não tenha um conhecimento concreto sobre o país de origem dos pais, identificam-se mais com o seu país de nascimento ou com o país onde cresceram. Devido ao desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, fácil acesso aos transportes e à constante chegada de imigrantes, os descendentes são mais ou menos influenciados pelo transnacionalismo. No campo económico das atividades transnacionais, os imigrantes chineses recentes investem principalmente nas instituições das empresas da sua terra natal porque, para além de assim promoverem a economia da terra natal, também influenciam a sociedade e a cultura. Os seus filhos também viajam com frequência entre a China e Portugal, sendo influenciados aos poucos pela cultura tradicional da China, uma vez que algumas crianças voltam à China para passar as férias de verão com os familiares.

Entre os muitos grupos sociais chineses em Portugal, as escolas chinesas estão diretamente ligadas à segunda geração de imigrantes chineses. Tendo em conta os diferentes níveis de língua chinesa, a escola divide os alunos em dez anos académicos diferentes. O propósito da escola é o de permitir que as crianças chinesas locais possam aprender chinês num país estrangeiro, sem esquecer também a cultura chinesa. Ao enviar os filhos para uma escola chinesa ao sábado, e visto que os pais trabalham nesse dia, garantem o estudo dos filhos e evitam preocupações. Ao mesmo tempo, as atividades culturais e concursos organizados regularmente pelas escolas chinesas têm enriquecido a vida cultural dos jovens.

Quarto, a promoção da influência chinesa. A influência económica, política e cultural da China está a aumentar diariamente. Os descendentes chineses, com ou sem intenção, começam a reexaminar a sua identidade. Com o poder nacional abrangente da China a aumentar diariamente e com a sua influência internacional, será de certeza uma grande influência na identidade dos chineses no estrangeiro, na sua relação com a China e nos seus sentimentos com a China. Tanto a ampliação como o aprofundamento do intercâmbio cultural levam os imigrantes chineses a reconhecerem a identidade cultural chinesa. A promoção da China na cultura surge, assim, como uma fonte de inspiração para os chineses de todo mundo, permitindo-lhes manter a sua língua no estrangeiro e melhorar o ambiente da sua cultura, incentivando impercetivelmente os imigrantes de segunda geração a prestar atenção ao desenvolvimento e ao renascimento do seu país de origem.

4.4. As diferenças de identidade de grupos diferentes de chineses da segunda geração em Portugal

De acordo com Grosser (2010), A “Identidade” é a determinação individual da identidade de um mesmo indivíduo. Uma vez que a geração de consciencialização étnica é o resultado direto de uma comunicação interétnica, a determinação de identidade étnica individual consiste muitas vezes num processo de seleção. O grupo identitário ao qual pertence um indivíduo consiste numa variedade de afiliações, o que faz com que a existência de consciência étnica, isto é, a identidade, seja bastante diversificada em vários níveis.

4.4.1. As atitudes de identidade de grupo diferente dos chineses de segunda geração em Portugal

As crenças, os conceitos de valores e os hábitos dos grupos étnicos minoritários ocorrem na interpenetração de culturas (aculturação). A aculturação é o percurso natural

de adaptação à sociedade dominante, e conforme o nível de interpenetração a identidade será diferente. As atitudes de aculturação, nomeadamente dos chineses de segunda geração, são: a preferência da identidade portuguesa, a preferência da identidade chinesa e a preferência da identidade portuguesa asiática.

4.4.1.1. A preferência da identidade portuguesa

Este tipo de pessoas é culturalmente assimilado pelo local. Nasce no seio de famílias de classe média ou alta, tendo a maioria a língua portuguesa como a mais falada. São criados em famílias que não se dedicam muito à educação da cultura, das tradições e da identidade chinesas. Considera-se um cidadão da cultura local, aceitando os valores, a cultura e o estilo de vida ocidental. Sem a influência dos pais a reforçar a importância da língua e da cultura chinesas, o seu crescimento dá-se à semelhança da cultura ocidental.

4.4.1.2. A preferência da identidade chinesa

Estes imigrantes de segunda geração vivem em Portugal, mas sabem falar chinês, têm conhecimento da cultura tradicional chinesa e celebram as festas tradicionais da China. A maioria das suas famílias pertence à classe trabalhadora, vivem no seio da comunidade chinesa, tendo uma parte recebido a educação básica na China. Alguns estudiosos consideram que a utilização da língua étnica desempenha um papel decisivo na formação das características étnicas do indivíduo, uma vez que, nas famílias de imigrantes de primeira geração, a capacidade das crianças em falar a língua nativa só pode ser reforçada quando os pais falam essa mesma língua. Estes e as outras crianças imigrantes utilizam, na sua maioria, a língua chinesa, dando pouco uso à língua portuguesa. Sentem-se muito familiares com a cultura tradicional chinesa e definem-se a si mesmos como chineses. Nas famílias chinesas, a valorização e a autoestima é definida através da educação recebida e obtenção de sucesso profissional para melhorar a posição familiar. Este tipo de identidade dá ênfase à origem da família, contrapondo

com uma ideia de individualismo. Uma pessoa com sucesso sente-se orgulhosa e respeitada porque traz honra à família. Este tipo de pensamento é um traço característico da identidade cultural chinesa, tanto antigamente como atualmente, desde os antigos imigrantes aos atuais.

4.4.1.3. A preferência da identidade portuguesa asiática

Estas pessoas são consideradas “intermédias”, não têm uma identidade própria definitiva ou mudam conforme as situações. Em relação aos indivíduos que se identificam como chineses e portugueses, ambas as identidades são do seu agrado, sendo que estes aceitam as diferenças entre as duas culturas, mantendo pontos de vista e interesses diferentes.

Dou como exemplo a situação familiar da minha tia, que com o intuito de procurar um bem-estar e melhor ambiente de vida, optou por se mudar para a Europa há vinte anos. Num primeiro momento, ela escolheu a Holanda, devido ao elevado nível de qualidade de vida. No entanto, e após sete anos de trabalho, foi-lhe impossível obter a autorização de residência permanente ou residência estável. Nesse momento, ela e o marido decidiram mudar-se para Portugal. Depois de vários anos de trabalho árduo, finalmente conseguiram a residência legal e adquiriram as suas próprias casas e restaurantes. Depois do nascimento do seu filho mais novo, ela trouxe para junto de si, para Portugal, a filha mais velha que na altura ainda estava na China. O seu filho nasceu e cresceu em Portugal, recebeu a sua educação em escolas privadas e consegue hoje falar fluentemente português, sentindo-se português e não chinês. Com o passar do tempo, ele cresceu e o seu entendimento mudou. Em circunstâncias diferentes, ele transformou a sua identidade. Por outras palavras, com os portugueses ele é português, mas acompanhado de chineses ele também é chinês.

4.5. As diferenças de identidade de diferentes grupos

4.5.1. Diferenças na identidade entre os chineses de segunda geração de idades diferentes

Os chineses que nasceram em Portugal ou vieram antes dos três anos de idade sentem-se, na sua maioria, portugueses, e detestam ser chamados de “chinês”. Consideram que os pais são demasiado rigorosos com os resultados escolares, limitam a sua liberdade, obrigando-os a aceitar uma cultura e valores que desconhecem, e uma pequena parte deles são humilhados pelos colegas da escola devido às características étnicas como a pele amarela, olhos escuros amendoados e cabelos pretos. O seu maior desejo é o de serem integrados na sociedade dominante. Quando chegam à adolescência, principalmente depois de entrarem na universidade, vão conhecendo mais pessoas da mesma etnia e da mesma idade, começando a conhecer melhor a história da cultura da sua etnia. O ensino secundário e universitário é o período em que se identifica um aceleração do reconhecimento da sua etnia. É nessa altura que os jovens começam a conhecer vários tipos de pessoas, contactando com vários pensamentos novos, tendo oportunidade de pensar em quem eles são e em quem são os outros, passam a acreditar no conceito da valorização, e a perceber como é o mundo para além do local em que foram criados. Nesta fase, demonstram um grande interesse e curiosidade sobre quem são eles próprios mediante algumas atividades, como ler, ir a museus ou comunicar com pessoas da mesma etnia. Vão assim encontrando a sua própria identidade étnica, através do prosseguimento da exploração e depuração das duas culturas e, por fim, vão conhecendo a sua identidade étnica em geral.

4.5.2. Diferenças da identificação entre os chineses da segunda geração em diferentes classes sociais

Conforme os diferentes estatutos sociais e económicos, os imigrantes chineses podem ser divididos em classes diferentes, sendo que pertencer a diferentes classes sociais

determina o grau de igualdade da vida em sociedade e as condições educacionais, influenciando, assim, o seu posicionamento. Alguns estudiosos (Zeying 2008)referem que existem três características a ter em conta relativamente à identidade étnica dos filhos de imigrantes: a primeira é o grau de conhecimento dos filhos dos imigrantes sobre a cultura do país de origem dos pais; a segunda é a fluência da sua língua étnica; e a terceira é a quantidade de amigos da mesma etnia. Para os filhos de imigrantes nascidos em famílias de classe média estas características são muito difíceis de compreender porque têm muito pouco conhecimento da cultura chinesa, raramente falam chinês e passam a maioria do tempo com os habitantes locais da mesma idade, considerando que fazem parte da sociedade dominante ocidental.

4.6. Os motivos das diferenças entre as identidades de grupos diferentes

O ambiente familiar, a educação escolar, o ambiente da residência e o preconceito social são as principais causas das diferenças de identidade de grupos diferentes dos chineses da segunda geração.

4.6.1. Fatores relativos ao ambiente familiar

Em primeiro lugar, a identidade é criada na família. As diferenças de atitude dos pais, no que diz respeito à etnia, afetam os conceitos étnicos dos seus descendentes. Ao mesmo tempo, a relação intergeracional entre os pais e os filhos de imigrantes afeta também a segunda geração de novos imigrantes.

Em segundo lugar, as atitudes dos pais. Alguns dos pais imigrantes julgam que aprender a língua chinesa prejudica o desenvolvimento da língua portuguesa, tendo receio de que não possam dominar as duas línguas em simultâneo e que acabem por não aprender

nenhuma. Além disso, para manter a homogeneidade cultural com a sociedade dominante, não se importam muito se os filhos aprendem ou não a língua chinesa, bastando-lhes que saibam o básico. Também não mostram a cultura chinesa aos filhos porque nem eles próprios têm muito conhecimento sobre a mesma, tendo receio de enganar os filhos. As crianças que vivem em famílias deste género, evidentemente, consideram-se culturalmente como portugueses.

Os pais que são novos imigrantes chineses, preocupam-se imenso com o ensino da cultura tradicional aos seus filhos e a vida familiar é o meio essencial para ajudar as crianças a construir a identidade chinesa; é através da vida familiar que as crianças vão absorvendo os valores da cultura chinesa. Uma parte dos pais incentiva o treino bilingue, pois consideram que saber falar chinês e conhecer a cultura chinesa é fundamental para os filhos. Levam ainda os seus filhos para a escola chinesa para aprenderem a língua.

Em terceiro lugar, a influência das relações interrelacionais. A visão científica comum considera que as relações interrelacionais das famílias imigrantes estão sobrecarregadas de conflitos culturais. Estas circunstâncias acontecem quando os pais, que têm complexos da terra natal e pensamentos tradicionais, tentam impor os seus pensamentos e o conceito de valores aos filhos que já estão ocidentalizados. Os conflitos entre os descendentes chineses com os seus pais são demonstrados principalmente em três aspetos:

Em primeiro lugar, no grau de reconhecimento da cultura chinesa. Os pais exigem que os filhos valorizem mais o interesse familiar e grupal do que o interesse pessoal, exigem que os filhos respeitem os mais velhos, sejam mais poupados, sejam exigentes, autónomos e empenhados nos estudos, considerando estes os requisitos de critérios e atitudes para avaliar a família e os valores pessoais. Porém, há uma parte de imigrantes cujos filhos nasceram em Portugal, ou vieram para Portugal muito novos. O grau de assimilação das duas gerações processa-se de forma diferente, tanto a nível de orientação como ao nível da velocidade com que se desenrola, o que faz com que os

conflitos interrelacionais nas famílias de imigrantes chineses tenham as mesmas características dos conflitos interculturais das restantes famílias imigrantes.

Em segundo lugar, as mentalidades. Por um lado, nas escolas as crianças são completamente educadas segundo a educação ocidental, e podemos até dizer que a sua mentalidade é inteiramente ocidental. Estas crianças sentem-se desconfortáveis pelo excesso de zelo dos seus pais. Os pais, por sua vez, também não compreendem as escolhas de valores dos filhos. Muitas crianças queixam-se que os seus pais não têm uma “vida social” ou acham que os pais “precisam de lazer”. E, simultaneamente, os pais também se queixam de que vieram para este país para proporcionar uma melhor educação aos seus filhos, mas que agora os “perderam”. Uma família, duas gerações e dois tipos de pensamento. Os conflitos são inevitáveis.

O último aspeto é expressado nos diferentes pontos de vista sobre a autoridade parental e a expressão emocional. Muitos dos pais têm uma relação reservada com os filhos. Com efeito, os pais não estão habituados a ser como os pais ocidentais, que expressam diretamente os seus sentimentos e amor aos filhos. Os pais chineses consideram que trabalhar arduamente é a melhor maneira de expressar o seu amor, proporcionando uma maior qualidade de vida a toda a família. Todavia, os filhos assistem através da televisão, livros e escola, à igualdade e à relação muita estreita entre os pais e os filhos ocidentais, pensando, inevitavelmente, que os seus pais não os amam. Assim sendo, as relações entre os pais e os filhos tornam-se cada vez mais distantes, criando e aprofundando um “generation gap”.

Gráfico 7 – Cultura Preferida

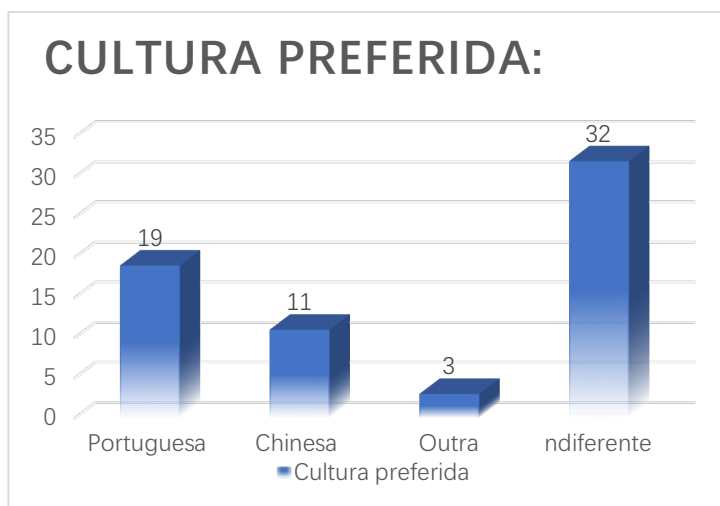
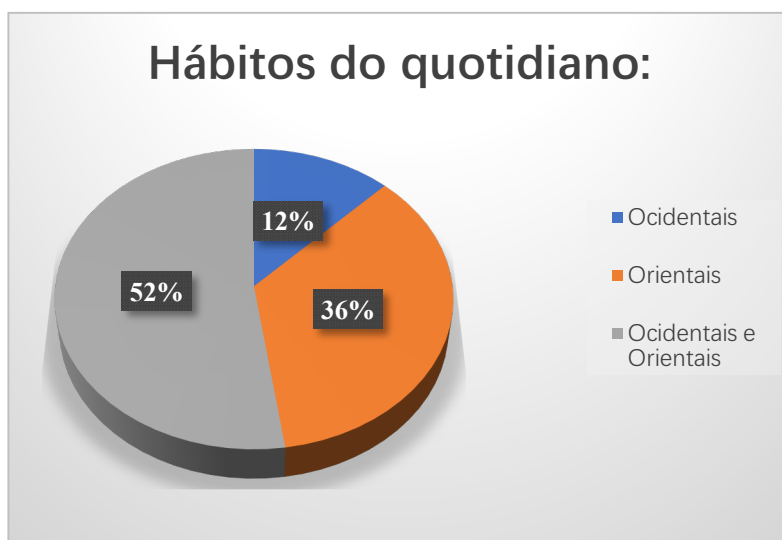


Gráfico 8 – Hábitos do quotidiano



Tendo em conta as diversas variáveis anteriormente descritas, os resultados expostos nos gráficos 7 e 8 servem apenas para confirmar a diversidade de perspetivas no que diz respeito à educação dos filhos. No gráfico 7 podemos concluir que a maioria dos indivíduos inquiridos não assume qualquer uma das culturas como a sua predileta (49%). Contudo, 19 indivíduos prefere a cultura portuguesa, em contraste com aqueles que preferem a chinesa, perfazendo um total de 11 participantes. Por outro lado, e no que diz respeito aos hábitos do quotidiano, 52% dos inquiridos assume uma ambivalência cultural, isto é, vivem numa combinação de costumes portugueses e chineses.

4.6.2. Fatores relativos à educação escolar

A educação escolar é um fator importante que influencia a identidade. As escolas de língua chinesa em Portugal são principalmente de tutoria, ou seja, os estudantes estudam nas escolas locais e apenas aprendem a língua chinesa aos fins de semana, que é, em grande parte, para a comunidade e igrejas católicas chinesas. As crianças vão aprendendo a escrever os caracteres chineses, a ler as poesias de Tang e de Song, a decorar citações famosas dos filósofos Confúcio e Mêncio e, assim, conhecendo o conceito de valor familiar, as regras de vida e a moralidade da China. Estudar nas escolas de língua chinesa fortaleceu imenso os descendentes chineses, de forma a identificarem-se como chineses, promovendo e influenciando a formação da sua identidade.

Normalmente, as crianças só estudam na escola chinesa um dia por semana, e esta é a sua única oportunidade de comunicar com outras crianças chinesas. Regra geral, os descendentes chineses costumam estudar nas escolas locais e recebem a educação ocidental. As turmas são constituídas, na sua maioria, por alunos portugueses, sendo a língua utilizada em ambiente escolar, por norma, o português.

Por outro lado, há cada vez mais crianças chinesas a nascer em Portugal que não têm qualquer contato com o sistema de ensino chinês. Devido aos relatos de familiares, as crianças nascidas em Portugal tendem a recriar o sistema de ensino chinês. Por este motivo, estas crianças sentem a necessidade de “fugir”, acabando por não reconhecer a sua identidade chinesa.

O ensino oficial chinês é um dos mais exigentes do mundo. Os alunos chineses não têm praticamente nenhum tempo livre. Além do horário das aulas, eles veem-se obrigados a passar muito tempo a estudar: fazem os trabalhos de casa, preparam-se para os exames, têm aulas de apoio ao estudo, etc... Por outro lado, os pais esperam que os filhos se tornem “dragões” porque, na China, o dragão é o símbolo do sucesso. Estes pais acreditam que só o conhecimento pode mudar o destino de alguém e acham que os

filhos irão conseguir um bom emprego se obtiverem um diploma de uma universidade conceituada. Para um estudante chinês, é muito importante ter uma boa nota no tão temido “Gao Kao”, o exame feito no final do ensino secundário na República Popular da China. O “Gao Kao” é o mais importante acontecimento na vida de um estudante chinês, pois define quem terá acesso às melhores universidades. Há uma enorme quantidade de candidatos, sendo difícil conseguir uma vaga nas melhores universidades, pelo que este exame é altamente competitivo. Privação de sono, grande ansiedade e stress mental são algumas das consequências diretas na vida destes estudantes. Portanto, há que admitir que muitos deles optam por estudar no estrangeiro e muitas famílias imigram para outros países de forma a facilitar a educação dos seus filhos. O objetivo é escapar ao sistema de ensino que todos temem. Conclui-se que tanto os pais como os filhos, ao “fugir do Gao Kao”, acabam por discordar com o sistema de ensino da sua “terra-mãe”.

Dando como exemplo o caso do meu primo, ele nasceu em Portugal e nunca recebeu educação escolar na China. No entanto, na sua vida quotidiana, ele foi adquirindo consciência, através de conversas com a nossa família, do modelo de educação chinês e do modo de aprendizagem da maioria dos alunos. Este expressa, frequentemente, o seu medo de estudar na China, e quando se pergunta se ele gostaria de voltar para a China e estudar lá, ele mostra uma grande oposição e “esquiva-se”. Muitas vezes, o meu primo afirma seriamente à família que é português.

4.6.3. Fatores relativos ao ambiente residencial

O ambiente residencial, especialmente as relações com os vizinhos e as relações sociais ajudam imenso a perceber o problema da identidade étnica. Os chineses que convivem com a comunidade portuguesa são, na sua maioria, pertencentes à classe média. Os seus filhos vivem claramente num ambiente com maior qualidade, podendo receber uma educação melhor. No entanto, mesmo que uma parte dos imigrantes pretenda que os seus filhos preservem a herança cultural étnica, através da aprendizagem da língua

chinesa, o ambiente residencial das classes médias peca por falta de apoio às línguas estrangeiras, sendo muito difícil encontrar um sítio para a aprendizagem do chinês. Ao mesmo tempo, os pais desempenham o papel de modelo devido ao seu sucesso profissional, fazendo com que os seus descendentes também queiram seguir o seu caminho e maximizar a sua integração na comunidade local. Os seus descendentes também seguirão o trajeto dos pais, integrando-se ao máximo na sociedade.

4.7. Identidade cultural da segunda geração de imigrantes em Portugal

4.7.1. O modelo de identidade cultural da segunda geração de imigrantes tendencialmente dissociativa

Nas entrevistas e questionários realizados para este Estudo, a maioria dos entrevistados considera-se chinesa, expressando orgulho pela sua identidade chinesa, ao mesmo tempo que acredita que a identidade chinesa é muito importante para eles próprios. Por um lado, a China, como grande potência económica do mundo atual, fortalece continuamente o poder nacional. Por outro lado, as crianças imigrantes que reconhecem a sua identidade chinesa, consideram a China como uma das “paragens” nos seus planos futuros. Embora muitas crianças imigrantes vivam em Portugal durante muitos anos após o seu nascimento, a China ainda se apresenta, de certa forma, “atraente” para elas, estando repleta de potencial de desenvolvimento. Os resultados deste Estudo mostram que, no âmbito da maioria da segunda geração de imigrantes chineses em Portugal, grande parte das estratégias de aculturação das duas realidades (chinesa e portuguesa) são dissociativa. Por outras palavras, estes indivíduos geralmente concordam com a cultura de origem e têm um nível mais baixo de reconhecimento da cultura de imigrantes. A maioria dos indivíduos da segunda geração não está apenas emocionalmente disposta a pertencer, mas também deseja compreender e afirmar a cultura de origem. Para alguns dos imigrantes de segunda geração que cresceram em Portugal, não há como abandonar a ligação cultural com a China. Para a segunda

geração de imigrantes, quer tenha nascido em Portugal, quer tenha imigrado mais tarde, os seus pais são os seus modelos imutáveis. O ambiente “dicotómico” em que vivem é criado pelos pais e tem um impacto enorme na socialização da segunda geração de imigrantes e na sua consequente formação de valores.

Além disso, a diferença entre o modo como os imigrantes vivem e aquele que é esperado reduz o sentido de identidade cultural local da segunda geração de imigrantes. Antes do início da imigração, as pessoas tinham uma ilusão tendenciosa sobre a qualidade de vida no país de acolhimento. Existem duas razões que motivam esta ilusão, em primeiro lugar, o *feedback* recebido através de outros imigrantes acerca do país para onde se pretende migrar e, em segundo lugar, o desenvolvimento de países estrangeiros é também limitado pelas capacidades individuais.

Nos últimos anos, cada vez mais chineses têm emigrado para países desenvolvidos por se sentirem desamparados no seu meio envolvente ou pela pressão no seu trabalho ou, ainda, pela educação dos filhos.

A maioria dos imigrantes espera que os seus filhos possam explorar a sua liberdade depois de estudar no estrangeiro. O sistema de educação da China falha no que concerne ao humanitarismo, desprezando os direitos das crianças. Nos dias de hoje, muitos professores dão aulas de apoio fora da escola de forma a preparar os alunos com antecedência. Alguns pais não querem que os seus filhos sofram por causa deste sistema de ensino, desejando que as suas futuras gerações tenham um melhor ambiente de educação e crescimento. Por exemplo, quando se estuda numa universidade no ocidente, não se sente tanta pressão para aprender e consegue ter-se tempo para fazer alguma atividade extracurricular.

Por um lado, as escolas ocidentais prestam mais atenção ao cultivo das perspetivas de vida e dos valores na educação infantil. O sistema educacional ocidental tende a educar as crianças para que estas se desenvolvam não só a nível intelectual, como também ao

nível emocional, aprendendo a expressar a sua individualidade ao invés de viver para os resultados de um qualquer exame. Este tipo de modelo de educação torna mais fácil para as crianças terem uma infância saudável e feliz.

Por outro lado, na maioria dos países desenvolvidos, grande parte das escolas públicas é gratuita desde o ensino básico até ao ensino secundário. Até mesmo no ensino superior existem benefícios, uma vez que os estudantes podem candidatar-se a empréstimos para a educação sem juros, que podem pagar no futuro. Além disso, se se prosseguirem os estudos, no doutoramento, o estudante deve receber pelo menos o salário mínimo, de forma a que se possa sustentar e levar por diante o seu trabalho de pesquisa.

No entanto, a vida após a migração pode não ser assim tão boa. A maioria dos imigrantes tem que enfrentar problemas como as barreiras linguísticas e a integração cultural. A maioria dos filhos destes imigrantes não nasceu em Portugal e alguns já concluíram o ensino básico na China. Para essas crianças, o domínio da linguagem e a integração na cultura local são difíceis. No início, quando chegam a Portugal, e porque não falam português, quando frequentam uma escola local, não entendem e não têm amigos para conversar. Neste momento, as crianças serão mais recetivas ao reconhecimento cultural local.

Como se pode verificar no decorrer da entrevista, Kia pertence à segunda geração de imigrantes chineses. Kia tem 24 anos, e agora a sua nacionalidade é portuguesa. Vive em Portugal há quatro anos e estuda na universidade. O seu padrasto é português, a sua mãe é chinesa e tem um irmão mais novo, que é o filho do padrasto e da mãe. A sua família voltou para Portugal por causa do trabalho do seu padrasto. Como os membros da família têm diferentes idiomas nativos, as suas vidas funcionam à base da utilização de várias línguas. Por exemplo, quando a Kia comunica com a mãe, ela usa o chinês ou o dialeto regional, e quando comunica com o irmão usa mais o chinês. Mas quando estão na companhia do padrasto, utilizam mais frequentemente o inglês e o português.

Kia mora sozinha na casa de Lisboa porque está na faculdade em Lisboa. Ainda que a sua família seja composta por duas culturas distintas, ela nasceu e cresceu na China e foi mais influenciada pela cultura chinesa, por isso Kia acaba por se identificar com a identidade chinesa. Como a sua língua nativa não é o português, usava inglês e chinês para comunicar em casa antes de vir para Portugal. Teve de aprender português, uma vez que veio para Lisboa, morando e estudando aqui. Contudo, e em comparação com outras segundas gerações de imigrantes chineses que acabaram de chegar a Portugal, a sua vantagem é que o seu padrasto e irmão mais novo são portugueses, criando deste modo um ambiente mais propício para a aprendizagem da língua e da cultura locais.

4.7.2. A identidade "marginal" sob o conflito de culturas duais

A cultura é o valor e a prática partilhada por um grupo específico de pessoas numa sociedade particular, sendo que esta é herdada e passada de geração em geração. Ao mesmo tempo, as diferenças culturais fornecem a possibilidade de existência de conflitos entre grupos de pessoas. A maioria dos pais imigrantes chineses cria um ambiente cultural completamente independente daquele da sociedade local. A segunda geração de imigrantes vive entre essas duas culturas e, muitas vezes, experiencia conflitos entre ambas. Alguns destes indivíduos sentem mesmo vergonha face aos valores culturais dos seus pais em determinadas situações, acabando por rejeitá-los. Em contrapartida, pode também acontecer o oposto, isto é, um indivíduo identificar-se com a cultura de origem que é reconhecida na família, pondo de parte a cultura local: isto é o que geralmente chamamos de "dilema da segunda geração". Por exemplo, no conceito de família tradicional chinesa, não importa quantos anos as crianças tenham, estas serão sempre consideradas crianças aos olhos dos seus pais, e continuarão ligadas aos pais tanto a nível económico como a nível emocional. Na cultura ocidental, as relações entre pais e filhos tendem a criar uma distância à medida que os filhos vão crescendo e se tornam mais independentes. As diferenças nos valores mantidos pelos pais e filhos de imigrantes fazem com que os pais se preocupem com o facto de os seus filhos poderem

perder o seu sentido de identidade, entrando, simultaneamente, desta vez os filhos em conflito com a sua própria identidade. Para a segunda geração de imigrantes, a cognição da identidade é um critério importante para sua identidade cultural. Alguns dos indivíduos também mostraram problemas ao encarar os conflitos relativos a esta identidade dupla.

Este tipo de segunda geração de imigrantes chineses não forma uma ideia clara de ambas as identidades, o que pode ser um fator de marginalização, consistindo numa cultura identitária bastante rudimentar e de fraco reconhecimento da cultura imigrante. O modelo de identidade cultural “marginal” geralmente ocorre na segunda geração de imigrantes nascidos em Portugal ou na segunda geração que veio para Portugal quando ainda eram crianças. Estes indivíduos veem-se divididos entre uma dualidade de culturas ou até mesmo um multiculturalismo, em grande parte devido à relação com os pais imigrantes. De um modo geral, devido à falta de experiência de vida na China, o que conhecem dela é através do turismo, relatos de familiares e pelos *media*. Este tipo de segunda geração imigrante não tem nem uma impressão independente, nem um apego emocional à China. Embora tenham nascido em Portugal, o seu ambiente de crescimento limitou-se ao pequeno círculo de negócios económicos chineses.

Após a análise da entrevista, consideramos que o entrevistado Junhong Ye é um exemplo deste tipo identitário. Este participante tem 25 anos, a sua nacionalidade é portuguesa e vive em Portugal há 15 anos. Tem dois irmãos mais novos que nasceram aqui em Portugal. Agora é estudante de mestrado, o seu curso é arquitetura, e mora sozinho em Lisboa. Fala chinês em casa (dialecto da terra natal da sua mãe, Zhejiang), mas os seus irmãos falam português entre si. Embora os seus pais vivam em Portugal há 20 anos, o português ainda é algo difícil para eles, pelo que Ye sente necessidade de ir a casa com frequência para os ajudar. Os seus pais esperam que ele possa continuar a administrar os seus negócios depois de se formar na faculdade, ao mesmo tempo que cuida dos seus irmãos mais novos. Quando ele respondeu a esta pergunta - "O facto de a sua família ser chinesa e ter uma cultura diferente da portuguesa fá-lo sentir algum

tipo de constrangimento?” -, a sua resposta foi: *“Algumas vezes sim, porque nasci na China, e cresci lá na minha terra natal, por isso no íntimo a cultura chinesa é tradicional para mim. Só depois de chegar a Portugal é que comecei a conhecer a cultura portuguesa, de vez em quando não entendo muito bem esta cultura nova.”* Vivendo o impacto de duas culturas, ele não rejeitou qualquer tipo de cultura, mas, ao mesmo tempo, não entende e tem dificuldade em aceitar completamente qualquer uma das partes. Depois de uma série de perguntas, o entrevistado sentiu que não se integrava em nenhuma cultura, mas também não excluía nenhuma delas. Ele, pessoalmente, entende claramente que, em ambos os países e em ambas as culturas, existem diferentes pontos positivos e negativos. Como plano futuro, ele quer ir para outros países com um maior desenvolvimento. Como ele afirmou: *“Ainda não decidi, mas não vou ficar em Portugal porque é tão pequenino, nem na China, que está cheia de pessoas, e há muita pressão tanto na vida, como no trabalho. Talvez vá escolher um país da Europa mais desenvolvido, depois de terminar o curso.”*

4.7.3. Modelos de identidade cultural de *depuração* e de *assimilação*

Em comparação com a segunda geração de chineses nascidos na China e com uma longa experiência na China, a segunda geração de imigrantes nascidos em Portugal tem uma maior capacidade de identificação cultural, bem como também lhes está incutida uma forte adaptabilidade no âmbito da cultura imigrante.

O modelo de identidade cultural de “Depuração” refere que os imigrantes podem ter não apenas uma identidade mais elevada à cultura de origem, mas também ter uma forte adaptabilidade à cultura de imigração.

O modelo de identidade cultural de “Assimilação” significa que os imigrantes se sentem completamente imersos e identificados na cultura imigrante, sentindo, por sua vez, pouca identidade relativamente à sua cultura de origem, podendo escolher entre o bom e o mau nessas duas escolhas culturais.

Em termos dos principais componentes dos imigrantes portugueses, como mencionado acima, os primeiros imigrantes chineses que chegaram a Portugal encontravam-se em Moçambique em trabalho, tendo-se mudado para Portugal aquando da descolonização. Esta considera-se a primeira geração de imigrantes chineses. Os seus filhos cresceram, existindo hoje as terceiras e quartas gerações de imigrantes chineses em Portugal.

Estes descendentes de chineses estão já completamente integrados, comunicando em português e vivendo da mesma forma que os moradores locais, tanto em termos de vida económica, como também na vida social. Estes descendentes vão ganhando também uma posição no seio da sociedade e entrando na indústria *mainstream*. Excetuando o rosto asiático, eles não têm quaisquer características chinesas. O fenómeno demonstra o modelo de identidade cultural de "Assimilação".

O último entrevistado, Lei Wu, pertence ao modelo de identidade cultural de "Assimilação", uma vez que ele nasceu em Portugal e aceitou a educação portuguesa. Como consequência, este entrevistado considera-se, sem dúvida, português, dizendo: *“tenho mais amigos portugueses, e fui educado como português, é difícil de viver sem a cultura portuguesa.”*

4.8. Sugestões para resolver o problema

De um modo geral, parece-nos poder concluir que os indivíduos da segunda geração de imigrantes chineses em Portugal, sujeitos deste Estudo, têm em comum a característica do reconhecimento das duas identidades em si próprios, contudo existem diferenças entre grupos distintos. Uns tendem a assumir-se como chineses, outros preferem a identidade portuguesa, e existem ainda aqueles que se identificam com uma dupla identidade (chinesa e portuguesa). As diferentes gerações da sociedade chinesa e os diferentes grupos etários apresentam identidades distintas. O ambiente familiar, o grau

de literacia e os preconceitos sociais são alguns dos fatores que podem influenciar a identidade pessoal. No contexto da globalização económica, a diversidade cultural é uma tendência em desenvolvimento, e diferentes níveis de identidade são, efetivamente, uma manifestação multicultural. Como consequência, é necessário que os indivíduos saibam identificar-se a si mesmos, apreciando as suas origens étnico-culturais. “O mundo exterior” não pode impor uma identidade à segunda geração de imigrantes chineses. Para eles, esta é, e deve ser, uma escolha voluntária e nunca imposta. É certo que ao imbuir estes indivíduos de cultura chinesa, a sua identidade será influenciada, contudo o fator que mais pesa é, indubitavelmente, o crescente desenvolvimento da China que, de resto, se apresenta como um cenário bastante atrativo para eles.

Pode compreender-se a diferença entre as duas culturas, respeitando as diferenças de ambas e tirando partido delas em diversas circunstâncias. Ao evitar-se as características negativas, pode promover-se um intercâmbio cultural sino-português, valorizando as diferenças e tornando-se, assim, um fator de aproximação entre sociedades.

Conclusões e Recomendações

Os objetivos principais do presente trabalho de dissertação são respeitantes a, num primeiro momento, apresentar dados basilares para uma discussão no âmbito da temática da comunidade imigrante chinesa em Portugal e as suas características identitárias. Outra das metas seria uma colheita e análise cuidadosas de dados através de inquéritos e de entrevistas acerca do tema supracitado e, por fim e de forma a que a análise fosse relevante, apresentar-se-iam sugestões de cariz orientador para a resolução de conflitos identitários.

Antes de 1970, o registo sobre o povo chinês em território português era bastante escasso. A partir da década de 1970, e de forma gradual, foram disponibilizados mais registos sobre os imigrantes chineses, especialmente entre 1976-1977 e 1999. Foram nestas datas que ocorreram, respetivamente, a descolonização de Moçambique pelo governo português e o retorno de Macau ao governo chinês. Como consequência, o número de chineses em território português foi aumentando. Mais recentemente, em 2012, Portugal lançou a política dos “golden visa”. Esta medida tem atraído muitos investidores de todo o mundo, sendo o povo chinês responsável por uma grande parte.

Na década de 1980, devido à implementação das políticas de reforma e ao estabelecimento formal de relações diplomáticas entre a República Popular da China e Portugal, o número de imigrantes chineses em Portugal alcançou um aumento significativo. No atual círculo de expatriados chineses, aqueles imigrantes que vieram para Portugal nos anos 1980 foram chamados de "primeira geração de imigração de chineses". A maioria das pessoas da "primeira geração" trabalha na indústria tradicional, tais como restaurantes, grossistas e retalhistas, trabalhando arduamente e acumulando riqueza; contudo, devido a razões como a incompreensão linguística ou as diferenças culturais, a sua integração social não é bem conseguida. Hoje, a maioria dos filhos da "primeira geração de imigração de chineses" tem família e, contrariamente aos seus

país, tem sido influenciada pelas culturas chinesa e ocidental provenientes das famílias chinesas e da sociedade portuguesa em que se inserem, o que os motiva a emergir gradualmente no palco da sociedade portuguesa.

Apesar das dificuldades inerentes à adaptação à vida portuguesa, muitos chineses da primeira geração em Portugal estão já devidamente integrados, sobretudo no setor económico, constituindo até muitos negócios por conta-própria. Já a segunda e terceira gerações estão bem mais adaptadas aos costumes e ao modo de vida dos portugueses, nomeadamente na educação, na aquisição e desenvolvimento da língua portuguesa e até no próprio âmbito recreativo e cultural. Ainda que a harmonia com a vida portuguesa cada vez mais se faça sentir, continuam a existir adversidades a colmatar, destacando-se o fator cultural. Como consequência da integração *versus* adversidade, surge a problemática da autoimagem chinesa. É neste âmbito que se insere o presente estudo. Através dele tentou-se desvendar a problemática da identidade chinesa, procurando perceber com que cultura os chineses de segunda geração mais se identificam.

“Ainda que a localidade de nascimento seja diferente e tenha sido criado num ambiente diferente, nós temos a China dentro de nós, dentro do nosso coração.” Esta é a voz de um imigrante chinês de segunda geração. Os “imigrantes chineses de segunda geração” são, por um lado, educados pelas escolas ocidentais e, por outro, são educados em casa e influenciados pelos hábitos e pela cultura chinesa dos pais. Vivendo num mundo de “contradições”, não se distinguem os seus lugares: sou chinês ou sou português? A maioria dos imigrantes chineses de segunda geração são pessoas com conflitos interiores, muitos deles não admitindo ser de nacionalidade chinesa, mas, simultaneamente, também não aceitando as críticas sobre os estilos de vida dos chineses e sobre a China, uma vez que consideram que o seu país de origem é, efetivamente, um grande país. A causa para esta dúvida, muitas vezes, está relacionada com a falta de identidade cultural. Permitir às crianças conhecer a China e conhecer a cultura chinesa, é vantajoso para os “imigrantes chineses de segunda geração”, para que estes percebam

os pensamentos dos pais, conhecendo melhor o seu estilo de vida, e, numa última análise, é também vantajoso para que se encontrem e distingam os seus lugares e as suas posições na comunidade.

A cognição de identidade própria da segunda geração de imigrantes chineses é complexa e diversificada, havendo diferenças entre os diferentes grupos. O ambiente familiar, a educação escolar, o meio ambiente e os preconceitos na sociedade são fatores que levam a uma cognição de identidade e autoconsciência diferentes. O mundo exterior não pode forçá-los a reconhecerem-se com certas identidades, devendo a sociedade respeitar e compreender as suas diferenças e a sua personalidade social, quer como indivíduo, quer como parte de uma comunidade, seja ela portuguesa ou chinesa.

Limitações da pesquisa

1. Devido à limitação do tamanho do texto, o presente estudo apenas compreende e analisa a situação geral da identidade da segunda geração dos imigrantes chineses em Portugal. Contudo, as diferenças entre os indivíduos têm um impacto específico na sua cognição, não tendo sido feita nenhuma análise aprofundada neste âmbito.
2. A representatividade da “amostra” não é perfeita. O questionário foi divulgado por meio de redes sociais e preenchido *on-line*. Levando este facto em consideração, é possível que a amostragem se concentre em grupos mais jovens que têm mais contato com os chineses. Em futuras investigações, uma maior variedade de métodos de investigação deve ser usada de forma a tentar alargar a cobertura e a representatividade das amostras.

Bibliografia

Amin, S. (1997). *Capitalism in the Age of Globalization: The Management of Contemporary Society*. London: Zed Books Ltd.

Benton, G. & Pieke, F. (1997). *The Chinese in Europe*. Oxford: Institute for Chinese Studies. University of Oxford.

Berry, J.W. (1997). Immigration: Acculturation and Adaption. *Applied Psychology*. 46, 5-34.

Berry, J. W., Trimble, J. E., & Olmedo, E. L. (1986). Assessment of acculturation. In W. J. Lonner & J. W. Berry (Eds.), *Cross-cultural research and methodology series*. 8, pp.291-324.

Boswell, C. (2003). *European Migration Policies in Flux: Changing Patterns of Inclusion and Exclusion*. Manchester: Blackwell Publishing.

Byers-Heinlein, K. & Lew-Williams, C. (2013). Bilingualism in the Early Years: What the Science Says. *LEARNing Landscapes*, 7, 1, 95-112

Caplan, N., Whitmore, J., & Choi, M. (1989). *The Boat People and Achievement in America: A Study of Family Life, Hard Work and Cultural Values*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.

Castles, S. (1993). Migration and Minorities in Europe- Perspectives for the 1990's: Eleven Hypothesis. In J. Solomos & J. Wrench, *Racism and Migration in Western Europe*. Oxford: Berg.

Chiu, Y. & Ring, J. M. (1998). Chinese and Vietnamese immigrant adolescents under pressure: Identifying stressors and interventions. *Professional Psychology: Research*

and Practice, 29, 5, 444-449.

Coelho, G., Yuan, Y. & Ahmed, P. (1980). *Contemporary Uprootings and Colaborative Coping: Behavioral and Societal Response, Uprooting and Development*, 5-18. New York: Plenum Pres.

Coleman, J. S., Campbell, E. Q., Hobson, C. J., McPartland, J., Mood, A. M. Weinfeld, F. D., & York, R.L. (1966). *Equality of Educational Opportunity*. Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office.

Copeland, E. A. & Klinar, P. (1993). *Recent Migration Trends in Europe*. Portugal: Universidade Aberta, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.

Cummins. J. (1986). Empowering Minority Students: A Framework for Intervention. *Harvard Educational Review*, 56, 1, 18-37.

Favell, A. (2001). *Philosophies of Integration: Immigration and the Idea of Citizenship in France and Britain*. London: Macmillan Press.

Fonseca, M. L. & Ormond, M. (2003). *Immigration in Portugal Recent Trends and Policy Debate*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa.

Fuligni, J., Yip, T., & Tseng, V. (2002). The Impact of Family Obligation on the Daily Activities and Psychological Well-being of Chinese American Adolescents. *Child Development*, 302-314.

Gay, G. (2010). *Culturally Responsive Teaching: Theory, Research and Practice*. New York: Teacher's College Press.

Ghuman, P.S.A (1997). Assimilation or integration: A study of Asian adolescents. *Education Research*. 39, 23-25.

Gibson, M. A. & Ogbu, J. U. (1991). *Immigrant an Involuntary Minorities in Comparative Perspective: In Minority Status and Schooling: A Comparative Study of Immigrant and Involuntary Minorities*. New York: Garland Publishing.

Gil, S. (2007). Overseas Students “Intercultural Adaptation as Intercultural Learning: A Transformative Framework”, 167-183.

Glazar, N. & Moynihan, D. (1975). *Ethnicity Theory and Experience*. Boston: Harvard University Press.

Gordon, M. (1964). *Assimilation in American Life: The Role of Race, Religion and National Origins*. New York: Oxford University Press.

Gorman, J. C. (1998, Janeiro). Parenting Attitudes and Practices of Immigrant Chinese Mothers of Adolescents. *Family Relations*, vol.47, 1, 75.

Gorman, G.N. (1998, Janeiro). Parenting Attitudes and Practices of Immigrant Chinese Mothers of adolescents. *Family Relations*, vol.47, p.76.

Harker, K. (2001). Immigrant generation assimilation and adolescent psychologist well-being. *Social Forces*, 79, 3, 969-1004.

Hunik. N. (1991). *Ethnic Minority Identity: A Sociological Perspective*. New York: Oxford University.

Huntington, S. P. (2011). *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. New York: Simon & Schuster.

Hu, Zeying. (2008). Characteristics of the Ethnic Identity of the Second-Generation Chinese Americans (Adult Group) – In Relevance to That of the First Generation. Dissertação de Mestrado. China Foreign Affairs University, pp.22-35.

Jencks, C. & Mayer, S. (1990). *The Social Consequences of Growing Up in a Poor Neighborhood: In Inner-City Poverty in the United States*, National Research Council. Washington, D.C.: National Academy Press.

Jianyan, Liu. (2017). A população chinesa em Portugal: história, evolução e empregabilidade. (Tese de licenciatura não publicada). Dalian University, China.

Kennedy, W. (1994). Acculturation Strategies, Psychological- Adjustment and Socio-cultural Competence During Cross-cultural Transitions. *International Journal of Intercultural Relations*, 329-343.

Kibria, N. (2002). *Becoming Asian American: second generation Chinese and Korean*. Baltimore: The John Hopkins University Press.

Kibria, N. (2002). *Becoming Asian American: Second – Generation Chinese and Korean American Identities*. Baltimore: The John Hopkins University Press, p.40.

Kim, B.S.K. & Abreu, J.M. (2001). *Acculturation Measurement Theory: Current Instruments and Future Directions*. In J.G., Ponteroto, J.M. Gasas, L.A Suzuki, & G.M Alexander. *Handbook of Multicultural Counseling*. 2ª edição.. Thousand Oaks, California: Sage, pp.394-424.

Kwan, K. & Sadowsky, G.R. (1997). Internal and External Ethnic Identity and Their Correlates: A study of Chinese-American Immigrants. *Journal of Multicultural Counseling and Development*, pp.51-67.

Le, J. (1996). *Unraveling the “Model Minority” Stereotype: Listening to Asian*

American youth.. New York: Teacher's College Press, pp.23-30.

Mandim, D. (2018, Dezembro). Eles já não são apenas chineses. Sentem-se portugueses e adoram. *Diário de Notícias*. Retrieved from <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/02-dez-2018/interior/eles-ja-nao-sao-apenas-chineses-sentem-se-portugueses-e-adoram-10264721.html>

Marcia, S. (1980). *Handbook of Adolescent Psychology- Identity in Adolescence*. New York: Wiley, pp.159-187.

Neves, M. S. & Rocha, M. B. (2008). *Diásporas and Globalization – The Chinese Business Community in Portugal and the Integration of China into the World Economy*. Lisboa: Trindade Migrações.

Nibbs, F. G. & Brettell, C. B. (2016). *Identity and the Second Generation: How Children of Immigrants Find Their Space*. Nashville: Vanderbilt University Press.

Oliveira, C. R. (2003). Immigrants' Entrepreneurial Opportunities: The Case of the Chinese in Portugal. Retrieved January 21, 2019, from https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=464682

Nibbs, Faith & Bretell, Caroline. (2016). *Identity and the Second Generation: How Children of Immigrants Find Their Space*. Vanderbilt University Press. Nashville.

Ogbu, J. U. (1974). *The Next Generation: An Ethnography of Education in an Urban Neighborhood*. New York: Academy Press.

Oliveira, C. R. et al. (2002). *Immigration and Place in Mediterranean Metropolises*.

Lisboa: Luso-American Foundation.

Oliveira, C. R. (2003). *Immigrants Entrepreneurial Opportunities: The Case of the Chinese in Portugal, Special Issue on Economic Growth and Innovation in Multicultural Environments*. Lisboa: Luso-American Foundation.

Oliveira, C. R. & Rath (2002). *Immigrant entrepreneurship*. Lisboa: Migrações, ACIDI, Presidência do Conselho de Ministros.

Phinney, S. (1996). When We Talk About American Ethnic Groups, What do We Mean? *American Psychologist*, 918-927.

Phinney, S. & Alipuria, L. (1987). Ethnic Identity in Older Adolescents from Four Ethnic Groups. *Paper presented at the Biennial Meeting*, 1-15.

Portes, A. & Rumbaut, R. (2001). *Legacies: The story of the Immigrant Second Generation*. New York: The Regents of the University of California.

Portes, A. (1995). *Economic Sociology and the Sociology of Immigration: A Conceptual Overview*, In *the Economic Sociology of Immigration: Essays on Networks, Ethnicity and Entrepreneurship*. New York: Russel Sage Foundation.

Portes, A. & Mozo, R. (1985). *The Political Adaptation Process of Cuban and Other Ethnic Minorities in the United States: A preliminary Analysis*. International Migration Review.

Portes, A. & Rumbaut, R. G. (1996). *Immigration in America: A Portra*. 2nd Edition, Berkeley, California: University of California Press.

Portes, A. & Schauer, R. (1994). *Language and the Second Generation: Bilingualism Yesterday and Today*. International Migration Review.

Portes, A. & Zhou, M. (1992). *Gaining the Upper Hand: Economic Mobility Among*

Immigrant and Domestic Minorities. Ethnic and Racial Studies.

Prilemnan, S.L. (1988). *Coping with a Stressful Situation: A Prospective Study of Black Student Adjustment to a Predominantly White University*. Los Angeles: University of California.

Rumbaut, R. (1994). The Crucible Within: Ethnic Identity, Self-Esteem and Segmented Assimilation among Children of Immigrants. *International Migration Review*, 748-794.

Rumbaut, R. G. & Portes, A. (2001). *Ethnicities: Children of Immigrants in America*. New York: University of California Press.

Seh-Ahn, L. (1992). *Family Structure Effects on Student Outcomes: In Parents, Their Children and Schools*. Westview Press.

Sotomayor, N. (1977). Language, Culture, and Ethnicity in Developing Self-concept. *Social Casework*, 195-203.

Suarez-Orozco, C. & Suarez-Orozco, M. (2002). *Children of Immigration*. Cambridge, Massachusetts and London, England: Harvard University Press.

Uba, L. (1994). *Asian Americans: Personality Patterns, Identity and Mental Health*. New York: Guilford Press.

Wen, H. Kuo. (2000). *Family Socialization of Ethnic Identity Among Chinese American Pre -adolescents*. *History Resource Center: World Journal of Comparative Family Studies*. Autumn 2000, 463.

Wong. L. (1991). When Learning a Second Language Means Losing the First. *Early Childhood Research Quarterly*, 323-346.

Yeh, J. & Huang, K. (1996). The Collectivistic Nature of Ethnic Identity Development among Asian-American College Students. *Adolescence*, 645-661.

Yeh, J. & Huang, K. (1996). *The Collectivistic Nature of Ethnic Identity Development among Asian-American College Students*, *Adolescence*, 645-661.

Yu-Wai, C. & Jeffrey, R. (1998). Chinese and Vietnamese Immigrant Adolescents Under Pressure: Identifying Stressors and Interventions. *Professional Psychology: Research and Practice*, 444-449.

Yu-Wen, Y. (1996). Immigration Satisfaction of Chinese Americans: An Empirical Examination. *Journal of Community Psychology*, 3-16.

Yu, P. & Beryman, D. (1996). The Relationship among Self-esteem, Acculturation and Recreation Participation of Recently Arrived Chinese Immigrant Adolescents. *Journal of Leisure Research*, 251-273.

Yun, G. (2004). *Chinese Migrants and Forced Labor in Europe, Special Action Program to Combat Forced Labor*.

Zhou, M. & Bankston, C. L. (1998). *Growing Up American: How Vietnamese Children Adapt to Life in the United States*. New York: Russel Sage Foundation.

Zhou, Min & Gatewood, J. V. (2007). *Contemporary Asian America: A Multidisciplinary Reader*. Nova Iorque: New York University Press.

ANEXOS

Apêndice 1

QUESTIONÁRIO

你的性别是:	男生 / 女生
你的年龄是:	18 岁以上 /18 岁以下
出生地:	_____
现国籍:	_____
母语:	中文 / 英文 / 葡文 / 地方方言
使用双语:	是: 葡语和中文 是: 葡语和地方方言 不
在家使用的语言:	中文 /地方方言/葡语/葡语与地方方言 / 葡语和中文/ 两种语言以上 _____
来葡定居时的年龄:	6 岁以前 / 6 到 12 岁 / 12 岁以后
在葡生活的时间:	
目前的文化程度:	小学/中学/学士学位/硕士学位/博士
目前的职业:	学生 / 个体经商 / 受雇佣
家庭组成:	_____
社交习惯:	和中国人 / 和中国人与当地人 / 和中国人 与外国人
觉得自己是: (自我身份认知)	中国人 / 葡萄牙人 / 既是中国人, 又是葡萄牙人
生活习惯:	偏西式/ 比较中式/ 都可以
相比之下, 更喜欢哪个生活环境:	葡萄牙 / 中国/ 其他: _____ / 都可以

今后想要在哪里发展：	葡萄牙/ 中国/其他_____

Apêndice 2

Inquiry

Sex:	Male / Female
Age:	More 18 years old / under 18 years old
Place of birth:	_____
Nacionality	_____
Mother language:	Mandarin / Portuguese / English / Native Dialect
Bilingue:	Yes: Portuguese /Mandarin Yes: Portuguese/ Native Dialect No
Language spoken at home:	Mandarin /Native Dialect /Portuguese / Portuguese and Native Dialect / Portuguese and Mandarin / More than 2 languages _____
Age of arrive to Portugal:	before the age of 6 years old / between 6 and 12 years old / after the age of 12 years old
How long have you been in Portugal:	
Education:	Elementary school / Secondary school / Bachelors Degree / Masters degree / PhD
Profession	Student/ Independent worker /Dependentent worker
Agregado familiar:	_____
Cultural Habits:	Just with Chinese people / with chinese and Portuguese people / with chinese and foreigners

Identity:	Chinese / Portuguese / Chinese and Portuguese
Daily habits:	Ocidental / Oriental / Ocidental and Oriental
Favorite Society :	Portuguese / Chinese / Other: _____ / Indiferente
Where do you want to settle in the Future ?	China/ Portugal/Other_____

Apêndice 3

Inquérito

Sexo:	Masculino / Feminino
Idade:	maiores de 18 anos / menores de 18 anos
Naturalidade:	_____
Nacionalidade:	_____
Língua materna:	mandarim / português / inglês / dialeto materno
Bilingue:	sim: Português /Mandarim sim: Português/ Dialeto materno Não
Língua falada em casa:	Língua falada em casa: Mandarim /Dialeto materno/Português / Português e Dialeto materno / Português e Mandarim / Mais das 2 línguas_____
Idade em que chegou a Portugal:	antes dos 6 anos / entre os 6 e 12 anos /depois dos 12 anos
Há quanto tempo está em Portugal:	
Escolaridade:	Ensino Básico / Ensino Secundário / Licenciatura / Mestrado / Doutoramento
Profissão:	Estudante/Trabalhador por conta de outrem /Trabalhador por conta própria
Agregado familiar:	_____
Hábitos sociais:	só com chineses / com chineses e português / com chineses e estrangeiros
Identidade:	chinesa / portuguesa / chinesa e portuguesa
Hábitos do quotidiano:	Ocidentais / Orientais / Ocidentais e Orientais

Sociedade preferida:	Portuguesa / Chinesa / Outra: _____ / Indiferente
Onde se quer estabelecer no futuro?	China/ Portugal/Outro_____

Apêndice 4

Entrevistas

Entrevista 1:

1. Qual é o seu nome?

Kia

2. Qual é a sua idade?

Tenho 24 anos.

3. Qual é a sua Nacionalidade?

Portuguesa

4. Qual é a sua profissão?

Sou estudante.

5. Há quanto tempo vive em Portugal?

Há quatro anos que eu vivo aqui.

6. Quantas pessoas fazem parte do seu agregado familiar?

Há quatro pessoas na minha família.

- 6.1 Quantas pessoas vivem, ao todo, na sua casa?

Vivemos juntos. Há quatro pessoas na minha família.

- 6.2 Os restantes familiares vivem em Portugal há quanto tempo?

O meu pai é português e a minha mãe é da China Continental mas tem identidade de Macau. O meu irmão mais jovem também é português. Eu vim para Portugal há menos tempo do que a minha mãe.

- 6.3 Em que zona reside?

Moro em Lisboa, na zona de Olaias.

- 6.4 A sua casa é arrendada ou comprada?

É comprada.

7. Que língua fala em casa?

Português e Chinês.

- 7.1 Qual considera ser a sua língua materna?

Chinês.

7.2 Quantas línguas fala?

Falo quatro línguas, nomeadamente, chinês, português, inglês e cantonês.

7.3 Qual é a língua que prefere?

Prefiro chinês porque é minha língua materna e a maioria dos meus amigos é chinês.

8. Qual é a nacionalidade dos seus pais?

O meu pai é português e a minha mãe é da China Continental mas tem identidade de Macau.

8.1 Qual é o trabalho dos seus pais?

O meu pai é engenheiro e a minha mãe tem uma empresa.

8.2 Onde trabalham os seus pais?

Os meus pais trabalham em Portugal atualmente.

8.3 Qual é o valor aproximado do ordenado dos seus pais?

Mais de 4000 euros por mês.

8.4 Qual o nível de educação dos seus pais?

Ensino superior.

8.5 O facto de a sua família ser chinesa e ter uma cultura diferente da portuguesa fá-lo sentir algum tipo de constrangimento?

Não. Na minha casa, há uma harmonia entre cultura chinesa e portuguesa.

9. Qual a sua formação académica?

Ensino superior.

10. Que língua fala em contexto escolar?

Português.

10.1 Que língua fala com os seus amigos?

Português ou chinês.

10.2 Qual é a nacionalidade dos seus amigos?

Portuguesa ou chinesa.

11. Em casa, por que gastronomia optam? Portuguesa ou chinesa?

Principalmente, é gastronomia portuguesa.

12. Que tipo de gastronomia prefere? Ocidental ou oriental?

Tanto faz, mas prefiro oriental.

13. No que diz respeito aos seus costumes e dia-a-dia, identifica-se mais com a cultura portuguesa ou chinesa?

É mais chinesa porque eu nasci e cresci na China.

14. Com que nacionalidade se identifica mais? Portuguesa ou chinesa?

Identifico-me mais com a nacionalidade chinesa.

14.1 Esta questão da identidade é importante para si?

Não. Acho que isso não faz muita diferença.

15. O que acha da maneira de viver e trabalhar dos portugueses?

Mais tranquilo, com mais calma.

16. O que gosta mais relativamente aos costumes portugueses?

O ritmo de vida é muito agradável.

17. Que partes de Portugal conhece e prefere?

Conheço muito bem a cidade de Lisboa porque é a cidade que eu vivo. Gosto muito e acho Lisboa uma cidade dinâmica e com uma história longa.

18. Que partes da China conhece e prefere?

Conheço Macau, ou seja, RAEM. É um lugar fantástico com mistura das culturas ocidental e oriental.

19. Gosta mais de Portugal ou da China?

É difícil de escolher porque são ambos importantes para mim. China é a minha pátria e em Portugal vive a minha família.

20. No futuro, em qual país se imagina a viver?

Ainda não sei. Acho que a oportunidade e espaço de desenvolvimento são os fatores cruciais para mim quando eu escolher o lugar no futuro.

Entrevista 2:

1. Qual é o seu nome? Lei Wu
2. Qual é a sua idade? 23 anos.
3. Qual é a sua Nacionalidade? Português.
4. Qual é a sua profissão? Estudante.
5. Há quanto tempo vive em Portugal? Nasci em Portugal.
6. Quantas pessoas fazem parte do seu agregado familiar? Somos 5 se contar com a minha cunhada e sobrinha somos 7.
- 6.1 Quantas pessoas vivem, ao todo, na sua casa? Vivemos 7.
- 6.2 Os restantes familiares vivem em Portugal há quanto tempo? Eu e o meu segundo irmão nascemos em Portugal, o irmão mais velho já está aqui em Portugal há pelo menos 20 anos, e os meus pais também.
- 6.3 Em que zona reside? Eu vivo em São Domingos de Benfica.
- 6.4 A sua casa é arrendada ou comprada? A casa é comprada.
7. Que língua fala em casa? Multi língua (dialecto, mandarim e português).
- 7.1 Qual considera ser a sua língua materna? Sinceramente, eu não sei qual é minha língua materna, talvez seja português.
- 7.2 Quantas línguas fala? 4 ou 5 (português, inglês, espanhol, chinês e dialecto).
- 7.3 Qual é a língua que prefere? A minha língua preferida é chinês.
8. Qual é a nacionalidade dos seus pais? Chinesa.
- 8.1 Qual é o trabalho dos seus pais? Os meus pais trabalham para conta própria, neste caso gerência.
- 8.2 Onde trabalham os seus pais? Na própria companhia.
- 8.3 Qual é o valor aproximado do ordenado dos seus pais? Isso já não sei.
- 8.4 Qual o nível de educação dos seus pais? Os meus pais só acabaram o 9º ano.
- 8.5 O facto de a sua família ser chinesa e ter uma cultura diferente da portuguesa fá-lo sentir algum tipo de constrangimento?
9. Qual a sua formação académica? Licenciatura.
10. Que língua fala em contexto escolar? Inglês e português.

- 10.1 Que língua fala com os seus amigos? Isso já depende dos amigos, porque eu tenho amigos portugueses, chineses e estrangeiros.
- 10.2 Qual é a nacionalidade dos seus amigos? Portugueses, chineses, espanhóis, gregos, holandeses e ingleses.
11. Em casa, por que gastronomia optam? Portuguesa ou chinesa? Em casa é chinesa, porque os meus pais são mais chineses, e eles preferem “viver” com a cultura chinesa.
12. Que tipo de gastronomia prefere? Ocidental ou oriental? Para mim não me faz muita diferença, eu tento viver com estas duas culturas e tento obter vantagens das duas culturas.
13. No que diz respeito aos seus costumes e dia-a-dia, identifica-se mais com a cultura portuguesa ou chinesa? Mais com a cultura portuguesa, porque tenho mais amigos portugueses, e fui educado como português, é difícil de viver sem a cultura portuguesa.
14. Com que nacionalidade se identifica mais? Portuguesa ou chinesa? Ser sincero, portuguesa.
- 14.1 Esta questão da identidade é importante para si?
15. O que acha da maneira de viver e trabalhar dos portugueses? Muito lento e uma das coisas que não gosto da população portuguesa é o chegar atrasado.
16. O que gosta mais relativamente aos costumes portugueses? Podem ganhar pouco mas vivem com muitos sorrisos na cara.
17. Que partes de Portugal conhece e prefere? Lisboa, onde eu nasci e gosto de viver ou trabalhar na capital de um país.
18. Que partes da China conhece e prefere? Hangzhou, onde eu vivi e estudei 2 anos, e é a única cidade que eu conheço.
19. Gosta mais de Portugal ou da China? Neste momento eu gosto de viver ou trabalhar em Portugal, mas no futuro ninguém sabe, pela minha área de trabalho, eu acho que eu vou acabar por trabalhar na China no futuro.
20. No futuro, em qual país se imagina a viver? Pelos vistos na China, como a China está a desenvolver-se muito rápido, eu acho que um dia desses eu vou voltar à minha terra de origem.

Entrevista 3:

1. Qual é o seu nome?

Junhong Ye

2. Qual é a sua idade?

Tenho 25 anos.

3. Qual é a sua Nacionalidade?

Sou português.

4. Qual é a sua profissão?

Sou estudante de mestrado, o meu curso é arquitetura.

5. Há quanto tempo vive em Portugal?

Vivo em Portugal há 15 anos.

6. Quantas pessoas fazem parte do seu agregado familiar?

Temos 5 em casa. Os meus pais, e dois irmãos mais novos.

6.1 Quantas pessoas vivem, ao todo, na sua casa?

Toda a minha família vive em Santarém, eu vivo sozinho em Lisboa.

6.2 Os restantes familiares vivem em Portugal há quanto tempo?

Os meus pais já estão cá há 20 anos, os meus irmãos nasceram aqui.

6.3 Em que zona reside?

Vivo na Alameda.

6.4 A sua casa é arrendada ou comprada?

Os meus pais compraram um apartamento em Santarém, eu arrendo um quarto em Lisboa.

7. Que língua fala em casa?

Falamos chinês em casa (dialecto materno da minha terra, Zhejiang), mas os meus irmãos falam português quando eles dois falam.

7.1 Qual considera ser a sua língua materna?

Considero o chinês a minha língua materna.

7.2 Quantas línguas fala?

Falo dialecto materno, chinês e português.

7.3 Qual é a língua que prefere?

Prefiro dialeto materno.

8. Qual é a nacionalidade dos seus pais?

Os meus pais mantêm nacionalidade chinesa.

8.1 Qual é o trabalho dos seus pais?

Eles abriram uma loja, vendem acessórios para a casa, e ficam todos os dias nessa loja.

8.2 Onde trabalham os seus pais?

Estão a trabalhar em Santarém.

8.3 Qual é o valor aproximado do ordenado dos seus pais?

Mais ou menos 5000-6000 euros por mês.

8.4 Qual o nível de educação dos seus pais?

Acabaram só a educação primária, depois saíram da escola e foram trabalhar.

8.5 O facto de a sua família ser chinesa e ter uma cultura diferente da portuguesa fá-lo sentir algum tipo de constrangimento?

Algumas vezes sim, porque nasci na China, e cresci lá na minha terra natal, por isso no íntimo a cultura chinesa é tradicional para mim. Só depois de chegar a Portugal é que comecei a conhecer a cultura portuguesa, de vez em quando não entendo muito bem esta cultura nova.

9. Qual a sua formação académica?

Estou a frequentar o mestrado, no último ano.

10. Que língua fala em contexto escolar?

Falo português na escola, mas quando encontro colegas chineses, falo chinês.

10.1 Que língua fala com os seus amigos?

Depende, falo português com amigos portugueses, e chinês com chineses.

10.2 Qual é a nacionalidade dos seus amigos?

Alguns os de nacionalidade portuguesa, e também chinesa.

11. Em casa, por que gastronomia optam? Portuguesa ou chinesa?

Na minha casa, a minha mãe faz sempre comida chinesa, somos de uma família

bastante tradicional chinesa, e os meus pais só vieram para cá quando tinham cerca de 30 e tal anos, já estavam habituados à gastronomia chinesa. Mas pessoalmente, como vivo sozinho em Lisboa quando ando na universidade, prefiro cozinhar de maneira ocidental, é mais fácil.

12. Que tipo de gastronomia prefere? Ocidental ou oriental?

Prefiro a gastronomia chinesa, porque é mais diversa, e comia sempre a comida chinesa quando era pequeno, estou mais acostumado a ela.

13. No que diz respeito aos seus costumes e dia-a-dia, identifica-se mais com a cultura portuguesa ou chinesa?

Identifico-me mais com a cultura chinesa, porque vivi os primeiros 10 anos na China, já tinha a consciência da cultura chinesa originalmente. Porém, fico sempre com os meus pais, a maior parte da minha vida é formada pela cultura chinesa.

14. Com que nacionalidade se identifica mais? Portuguesa ou chinesa?

Acho que sou chinês, mesmo que cresça em Portugal e tenha aceitado a grande parte da educação portuguesa.

14.1 Esta questão da identidade é importante para si?

É importante, algumas vezes também me faz confusão, porque os meus amigos portugueses acham-me um chinês, mas os da China acham-me um português.

15. O que acha da maneira de viver e trabalhar dos portugueses?

De facto, não concordo muito com a maneira de viver e trabalhar dos portugueses, porque eles andam com uma atitude tardinheira. Na China é quase impossível encontrar uma situação semelhante, a gente trabalha com muito esforço para ganhar mais dinheiro e uma posição melhor. Acho que esta também é a razão do rápido desenvolvimento da China.

16. O que gosta mais relativamente aos costumes portugueses?

É fácil de ficar satisfeito, acho que este é a mania que prefiro mais dos portugueses. Embora ganhem pouco (para muitas pessoas), vivem de forma otimista. Encontram-se numa tarde com os amigos, com uma só bica ou cerveja, conversam, brincam, sem preocupação.

17. Que partes de Portugal conhece e prefere?

Prefiro o tempo em Portugal, não é tão quente no verão, nem tão frio no inverno. E o

sul de Portugal, por exemplo, Faro, prefiro mais. Cada ano a minha família vai passar uns dias de férias lá, há muitas praias fantásticas. E o Porto, também gosto, é uma cidade que parece que saiu de uma pintura. E a vida dos portugueses, andam relaxados parecendo sem preocupação, gosto deste tipo de vida, mas não consigo levá-la, porque sou uma pessoa tradicional chinesa, sinto muita pressão e responsabilidade de alimentar os meus familiares.

18. Que partes da China conhece e prefere?

Gosto do rápido desenvolvimento da China, por exemplo, as pessoas podem viajar sem carteiras, com um só telemóvel, e uma APP, pagam qualquer custo, é muito conveniente. E nas cidades grandes, não precisam de comprar bicicletas, ou até carros ligeiros, porque lá há bicicletas e carros compartilhados, basta baixar uma APP, e pagam pouco de dinheiro. E, por outro lado, a China possui uma cultura gastronómica bastante abundante, cada província, cada cidade tem as suas próprias especialidades.

19. Gosta mais de Portugal ou da China?

Gosto mais da China, é maior, mais conveniente, com mais entretenimento e gastronomia.

20. No futuro, em qual país se imagina a viver?

Ainda não decidi, mas não vou ficar em Portugal porque é tão pequenino, nem na China, que está cheia de pessoas, e há muita pressão tanto na vida, como no trabalho. Talvez vá escolher um país da Europa mais desenvolvido, depois de terminar o curso.